



25
500

VOZES D'AMERICA

1004000

50000

506000

POESIAS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

25

50000

725000



1864

TYP. IMPARCIAL DE J. R. DE AZEVEDO MARQUES

49—RUA DA IMPERATRIZ—49

S. PAULO

José Maria

Sabará, 7 de

Janeiro de 1809
1-1-09, 509

Janeiro 1809
Sabará, 7 de Janeiro
de 1809

João de Figueiredo Bragança
Rio de Janeiro, 9 de 1904
João Figueiredo Bragança

O author deste insignificante volume conhece bastante o triste papel e a nenhuma importancia do homem que se dedica ao culto das Musas, principalmente na terra de Santa Cruz, para almejar a corôa de poeta.

Comtudo, sendo ainda moço, e tendo materializado algumas de suas impressões, debaixo da fórmula escripta, ás instancias continuadas de amigos, assentou de publical-as, não tomando entretanto nenhuma responsabilidade sobre si.

Qual é o estadista, o homem de negócios que não se sentio alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatistica, não se lembrou que haviam brisas e passarinhos, illusões e devaneios?

O haver produzido alguns cantos dissonantes, não prohibe ninguem de dedicar-se a estudos mais sérios, e occupar-se de coisas mais uteis.

A bem poucos agradarão as produções que hoje apparecem. Os litteratos divididos entre a descrença de Alvares de Azevedo e Cazimiro de Abreu, a escola de *morrer moço*, e os *tacapes* e *borés* do Sr. Gonçalves Dias, sentir-se-hão enojados deste versejar incorrecto, e destas composições sem sabor. A critica nada tem que fazer com ellas, não merece sua attenção.

O author, lançando de parte toda a modestia, porque a modestia neste ponto seria a hypocrisia do orgulho, está intimamente convencido da nihilidade de seus escriptos, e nada espera, como nada deseja; —

decepção ou successo, ser-lhe-ha tudo a mesma cousa.

--Então porque os lança á publicidade? perguntar-lhe-hão.

Por duas razões, a primeira já foi apontada, — instancias e pedidos de amigos; a segunda é porque, publicadas, ou extraviadas ao correr da vassoura pela sala, vem a dar no mesmo resultado.

A' medida que os annos vão-se adiantando, e a areia corre mais apressada na ampulheta do tempo, o homem semelhante á esses saltimbancos que ao correr do cavallo principiam a despir-se, a despir-se que parece nunca chegarem ao fim, vae tambem se desfazendo de muitas quimeras, e atirando por terra esses vestuarios encommodos que tolhem-lhe os movimentos.

E' preciso então occupar-se de cousas mais sérias; á menos que não queira passar por um ente futil, um —songe creux— como dizem os francezes; abandonar a lyra, instrumento fabuloso que apenas diz bem a um Apolo pagão, ou ao lado de uma estatua de Orpheo.

O mundo não caminha por cantigas, disse um escriptor; todos aquelles que se enthusiasmam pelas Musas no Brasil, devem lembrar-se que o inverno ha de chegar, e previnirem que não lhes succeda o mesmo que a cigarra de Lafontaine.

—Tendes razão de abandonar a Poesia, disse alguem ao author, os poetas são sempre desgraçados.

Magestosa sentença! Porque razão o homem que escreve versos padece e o usurario não?

Haverá alguma lei fatal, inexoravel, algum destino cégo que pese sobre a cabeça dos descendentes de Homero e Virgilio?

O poeta soffre, porque o poeta perdido nas nevoas de um mundo phantastico desconhece as leis da humanidade; e em vez de contentar-se com o socoço da familia, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e unicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realisá-la maliz-se e se consome.

O poeta soffre, porque o seu elemento é a ociosidade, e por ella sacrifica todos os seus deveres e necessidades.

O poeta soffre, (eis o lugar commum de suas lamentações) porque as turbas não o comprehendem, e cospem o sarcasmo e as ironias ás mais fundas agonias de su'alma.

Ah! graciosa accusação! Querem que os honestos pais de familia; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o paiz; os commerciantes e lavradores; o mercenario occupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para applaudir-lhes as loucuras e tecer-lhes corôas de ouro!

Não querem (os poetas) que se riam quando o povo dizendo—nossas cearas são arrasadas, nossos filhos precisam de instrucção, elles respondem

—Mimoso passarinho que vagueias

ou

Minha bella eu te amo...

E outras iguaes?

Dizem que a humanidade começou pela Poesia, e que pela Poesia começam todos os povos; é falso. A Poesia deve ser a ultima palavra do desenvolvimento e civilização de uma nacionalidade. A Poesia é o luxo, e o luxo é o mais vivo signal da proxima decadência de tudo.

Escrevendo estas linhas, e dando á publicidade este volume, o author pede e espera que as Musas lhe favorecerão com a ausencia de sua divina inspiração, e o deixem viver tranquillo e socegado como qualquer vendilhão retirado do commercio, devolvendo-lhes elle como indemnisação qualquer nome ou reputação, ganhos nos collegios ou reuniões academicas.

S. Paulo—Outubro de 1861.

L. A. Fagundes Varella.

Carta ao Dr. F. Rangel Pestana

Vae-se archivar mais um bom livro na bibliotheca da litteratura brasileira.

O autor é-nos muito familiar ; quero tratar d'elle comtigo.

A critica é uma arte difficil, embora a chame uma das melhores pennas da França, « poder dos impotentes ; » eu não me arriscaria a ella sem grande convencimento de muita aptidão.

Sabes que não me costumo esconder atraz de uma modestia tola para inculcar mais o proprio talento : pelo contrario sei reconhecer o que sou, e tenho bastante firmeza para dizer de mim o que penso sem ter os olhos tapados com o amor-proprio.

Tem-se dito alguma cousa de mim como poeta, já no Imperio e já em Portugal (1) ; é isto mais uma razão para poder me julgar eu mesmo ; não me cega o orgulho

Sei que não posso satisfazer aos desejos do author e do Editor das « Vozes da America » no empenho que ambos fazem de que eu analyse este livro.

Mas aprecio em alto gráo o talento do author e por isso é que me imponho a obrigação de escrever estas linhas, que em rigor não são mais do que aquillo que os francezes chamam « causerie », conversa ligeira.

(1) Critica do illustrado Sr. João Carlos de Souza Ferreira no *Correio Mercantil*, do notavel litterato portuguez Sr. M. Pinheiro Chagas no *Archivo Pittoresco*, do Dr. A. J. G. Bastos no *Popular*, do Sr. F. Leitão no *Correio Paulistano*, do Sr. A. C. de S. Raposo na *Revista Scholastica*, do Sr. L. C. P. Guimarães Junior no *Diario do Rio de Janeiro*, etc. etc.

Fóra d'isto o mais que eu poderia era deitar um ponto de admiração na frente deste livro, que injustamente vou occupar primeiro que o poeta.

Era ousadia portanto, n'um assumpto que eu venero muito—a poesia, ir entabolar pretenciosa palestra com o publico ; prefiro conversar familiarmente contigo.

Sei que dispensas muitas horas do cansaço da tua profissão para a sã leitura das boas lettras, sei que não te occupam de mais cuidados de politica n'uma arena em que se atropellam conservadores d'um egoismo sordidamente baixo, progressistas sem coragem, vacillantes, e muitos até que nem uma, nem outra cousa são.

Dispões de alguns instantes para alevantar os olhos para este firmamento azul, azul, que se advinha mesmo atravez da borrasca, e para admirar a fortaleza destas mattas que sobrevivem aos choques da procella, e para fitar estes campos que se infloram até quando os nevoeiros do inverno se distendem pelo espaço.

E's artista tambem, tambem tu avultas na legião dos homens de fé de todos os tempos. Estou, pois, bem convencido que has de estimar muito a leitura do livro do Sr. Varella. E' uma obra que vale a pena a gente se occupar della ; bem sabes se é isto certo ou não pelo conhecimento que já tens de algumas producções suas.

Se não me illude a memoria, no Brasil, desde as « Primaveras », das « Flores sem fructos » e das « Revelações » ainda não se publicou livro de verso que pague o sacrificio da leitura em impressões agradaveis, a menos de se julgar taes os risos que, mesmo sem querer, rebentam, com grande escandalo do pathetico de cada phrase, que incontestavelmente resumbra da juncção que fazem os poetas dos seus martyrios, muito de proposito inramalhados para nós os profanos não acharmos ligação nas palavras.

Já vae longo o preambulo. Vamos ás « Vozes da America. »

I.

A poesia moderna vae tendo uma significação altamente importante no meio das questões politico-sociaes que se agitam actualmente. Embora seja o thema universalmente abraçado pelos poetas de todas as épochas—o amor, e continúe ainda a ser, como de pura fé acreditamos, outros assumptos, não queremos dizer mais importantes para a base organica da felicidade dos povos, porem que se revolvem em uma esphera por assim dizer menos circumscripta do que aquella em que se aquilata com mais força a individualidade propria do cantor, vão tomando vulto entre os escriptos da moderna eschola.

A poesia, como pensadamente a dividiu no seu admiravel livro a—Visão dos tempos—o Sr. Theophilo Braga, tem tres phases: a das éras mythologicas, representada principalmente em Homero, a hebraica traduzida na harpa religiosa dos prophetas e a christã desferida no lyrismo plangente de Lamartine, Chateaubriand e tantos outros grandes espiritos nomeadamente celebres.

Os interesses pagãos manavam quasi que exclusivamente da guerra e das conquistas aventureosas; d'ahi a Illiada, a Odissêa, a Eneida. Quando o Omnipotente trovejava dos cimos chammaejantes do Orebo e de Sião, os olhos da humanidade volviã-se unicamente para o firmamento, nascem então as primorosas paginas do Velho Testamento. A vinda do Promettido esclareceu o sentido das leis do Eterno, e os direitos do homem surgiram palpitantes no berço das sociedades hodyernas.

Era mister que germinassem por toda a terra os ramos dessa arvore que fructificava no Evangelho—a igualdade e a liberdade.

Toda a devastação levada ao seio dos infieis, toda imposição forçada dos missionarios não foram mais

do que o zelo fanatico dos adeptos da nova doutrina, acrisolado pela ignorancia e embrutecimento dos seculos feudaes.

Cantava-se então a tomada de Jerusalém, engrandecia-se o descobrimento das Indias, dobrava-se o joelho ao prestito do Santo-Officio.

A guerra, a conquista, a sujeição foram por muito tempo os tres degrãos pelos quaes a humanidade subia á pia baptismal para receber em traços de sangue as marcas da religião do Crucificado. Matava-se a liberdade para fazer nascer a igualdade ridicula de crenças; encadeava-se o corpo com o fim hypocrita de libertar a alma.

Foi-se, porem, pouco e pouco a confraternisação do genero humano tornando a « ultima verba » da aspiração social.

A poesia ingrinaldou-se dos louros da verdade e surgiu dos destroços do passado como a ave que sahe das rochas escarpadas para espanejar-se á luz do novo dia.

Protestou-se contra o captiveiro em nome dos direitos do homem, condemnou-se a pena de morte como immoral e injusta, ergueu-se em face do Evangelho a mulher decahida e desamparada.

O livro em cujo peristyllo se escrevem estas linhas, revella profundamente os sãoos principios liberaes que resumbram em cada phrase da alma bem formada do author.

Um dos poemas que mais avultam n'elle pela sublimidade da idéa, é por ventura Mauro—o escravo.

Este canto só por si é uma lagrima de compaixão vertida á cabeceira de toda uma raça, que nem ao menos se póde dizer agonisa no leito do infortunio porque o escravo nem da desgraça conhece o leito.

A poesia de Mauro é triste como as lamentações que traz ao meio dia o vento incandescido do deserto, arrebatada como o tombar das arvores aos golpes do machado, fervida como o crepitar das chammas na floresta decepada; passa funebre aos olhos como uma maca de cadaver em estrada soli-

taria e conduz o espirito em pesados sonhos aos flagícios da inquisição e o corpo parece ir rolando confrangido pelas trevas das idades e bater-se no circo apertado das feras romanas.

Salva uma ou outra asserção mais exaggerada, é uma scena muito bem descripta da escravidão entre nós.

O trecho que remata este romance, ou como por ahí lhe quizerem chamar, representando a vingança do escravo, fundo negro do quadro em que—ainda mal!—tantas vezes se espelha a vida domestica de nossos agricultores, é grandioso na idéa, grandioso na fórma, onde as rimas se atropellam sem cahir na monotonia dos versejadores vulgares, grandioso nas imagens que se agrupam em volta d'aquelle pensamento de ferro como as azas cambiantes dos insectos a se iriarem em derredor de uma pedra na margem marulhosa do oceano.

Para quem se estreia como o Sr. Varella com tão esperançosos recursos de um talento fecundo e já tão vantajosamente conhecido, não é impossivel tentar em mais vasta escala outro poema em que, sondando todas as faces de um assumpto, até hoje fracamente explorado como a escravidão no Brasil, delineando as phases multiplas de uma vida tão amesquinhadã e inda assim repassada de lances poeticamente dramaticos como a do escravo, nos dê, em breve, obra de mais folego em que se possa melhor aquilatar a sua veia descriptiva, que sabe apoderarse de tal arte dos objectos que á gente parece estar saboreando-os com os sentidos ao lêr os seus inspirados cantos.

E' o que esperamos d'elle.

II

Entre as poesias diversas das—Vozes da America—deparam-se logo ao principio com dois formosissimos trechos dedicados a dois vultos, talvez os maiores da moderna historia—Colombo e Napoleão.

Do ode ao Heroe de Santa Helena deve-se fallar primeiro.

O vencedor de Marengo e Austerlitz, o soldado de Iena e das Pyramides encontrou no Sr. Fagundes Varella um cantor digno de sua assombrosa nomeada.

Para escalar a eminencia em que está collocada a sombra divina de Bonaparte, sem se cegar do resplendor que espalha a gloria em torno de sua cabeça, é preciso ter muita coragem e muito convencimento do proprio valor.

Poucos o tem feito até hoje. Manzoni, Victor Hugo, Edgar Quinet, Palmeirim, Gonçalves Magalhães, ajoelhando-se nos destroços de Waterloo, encararam de frente o Sol da Corsega a sumir-se entre os salgueiros de Santa Helena e com seus cantos immortaes encheram a louza do Grande Rei das batalhas.

O nosso poeta vae entre os nevoeiros do crepusculo lá onde vagueia inda o phantasma dos reis e das nações, lá onde o heroe é mais forte, onde o soldado é mais vencedor, onde a realesa se envolve no manto da magestade—o martyrio, e traz cingida a corôa de espinhos como symbolo unico do triumpho e da soberania, porque foi assim que venceu o Redemptor, lá vae saudar o cadaver d'aquelle que

Desde onde o crescente brilha
Até onde o Sena trilha,
Teve o mundo por partilha
Teve immensa adoração !....

Como pinta graciosamente a figura altiva, o nome esplendido do heroe só esta oitava que por si vale quanto se possa dizer de um genio :

E lá nas plagas fagueiras
Onde as brisas forasteiras,
Entre relvas e palmeiras
Corre o sagrado Jordão ;

O lago dizia ao prado,
 O prado ao monte elevado,
 O monte ao céu estrellado
 Vistes passar Napoleão ?

E ainda est' outra :

Dizei auras do occidente
 Dizei tufão inda quente
 Do bafejo incandescente
 Do não vencido esquadrão,
 Como é elle ? é bello, ousado ?
 Tem o rosto illuminado ?
 Tem o braço denodado ?
 Sempre é grande Napoleão ?

Napoleão ! se o mundo fosse ainda um cáhos, para povoal-o tu só bastavas, Napoleão ! O teu nome pronunciado parece echoar nos ares como pedra enorme que o tufão desgarrá á ladeira dos abysmos !

As linhas consagradas á memoria de Colombo não são menos bellas, menos arrojadadas talvez.

Parece transpirar n'esse pequeno poema a natureza virgem da America, da America virgem, quando ainda a virgindade pairava nas mattas seculares do mundo novo.

A idéa, aprimorada pela delicadeza de rithmo e cadencia de metrificacão, parece illuminar-se das harmonias selvaticas, do trilo melodioso das aves, do ar agreste das campinas para subir n'uma spiral de sonhos até o cume esboroadado das serranias, aquecer-se á luz dos astros tropicaes, tendo em cercadura por todos os lados o oceano verde das folhas e das agoas.

III

Entre as poesias do Sr. Varella são muitas as boas producções para que possamos nos acanhados limites d'esta apreciação destacal-as uma a uma

e apreciar com o leitor o merito elevado de todas. Todavia eu não posso me furtar ao desejo de, anticipando á leitura do livro, apontar algumas d'ellas que mais me captivaram a attenção.

« Infancia e velhice » é uma poesia na verdadeira accepção do termo.

Na lingua portugueza quem tem dobrado o verso alexandrino com mais destreza é o Sr. A. Feliciano de Castilho, que o desentranhou do esquecimento em que o afundára a sua natural difficuldade. Depois d'elle Thomaz Ribeiro, J. Pinto Ribeiro Junior, e modernamente uma das mais robustas vocações que o arte vae registrar, Teophilo Braga.

Seria um lugar commum estar agora a mostrár a belleza e a valentia que tal metro imprime á poesia em cada estrophe, em cada rima, por todas as palavras finalmente.

O Sr. Varella tirou grande partido do verso alexandrino na « Infancia e velhice. »

Leiam estas magnificas estrophes :

O infante e o ancião são dois sagrados seres
Um deixa ha pouco o céu, o outro ao céu se volta
Um cerra as azas debeis e a divindade adora,
O outro adora a Deus e as azas niveas sólta.

Do loiro cherubim na face rosea e bella
Aindá existe o traço do beijo dos anjinhos ;
Na fronte alta e severa do ancião scintilla
A chamma que do Empyrio aponta-lhe os caminhos.

Nos tempos da desgraça quando o existir é trevas,
E a duvida se eleva do funebre ataúde,
Nos olhos da creença creiamos na innocencia,
E nos cabellos brancos saudemos a virtude !

Estou lembrado que o author me disse uma vez, que esta e mais algumas peças do seu livro eram

imitações : embora ! quem foi tão feliz assim n'uma imitação, é e hade ser sempre feliz nas creações originaes.

Como são ungidos de crença e virtude esses formosos versos !

Não parecem versiculos da Biblia intoados em igrejinha rustica, n'um sabbado, ao cahir da tarde, quando a benção da Divindade vem no perfume das montanhas pousar na frente do velho e da creança que rezam confundidos ?

E' ainda mais do que isso ; quem sabe a vida tã multuosa e desgraçada que marca os passos do poeta não póde deixar de ver n'esta canção as queixas incandescentes de um espirito que se debate entre a duvida e a esperança, e que, cahindo exausto da fadiga, desfere essa melodia plangente na harpa da resignação.

Uma das feições characteristics da indole do Sr. Varella e o lado proeminente que o faz sahir das raias da vulgaridade, é a marca que elle deixa da propria individualidade em cada linha que escreve. E' esta uma das circunstancias que o tem collocado á direita no circulo apertado da apreciação publica.

O Sr. Varella é como o Judeu da legenda hebraica, permittam a comparação, de cada pegada sua resaltam as sete cruces do soffrimento.

Quem lêu-lhe uma só das composições que não advinhasse o fél que a tristesa derramou n'ella ?

E nem se diga que só os seus versos intimos é que acordam no leitor idéas amargas, não ; o Sr. Varella escreveu sempre com sangue das proprias feridas. Leiam « Mauro » « A vingança, » « Poema » etc, e até mesmo « Napoleão. » Ainda a sua alegria é uma risada de escarneo.

Na satyra (genero por elle pouco tentado), como Molière, o Sr. Varella não póde esconder as lagrimas ; e as suas lamentações são quasi sempre um sarcasmo. A sua composição que mais revella talvez os muitos martyrios por que tem passado, é a que justamente intitulou « Tristeza. »

Parece á gente ter affeçoado o ouvido aquelle peito opprimido e estar ouvindo as pausadas pulsações de um grande coração que a escotomia moral do desalento vae pouco e pouco dilacerando.

Amo na vida de miseria e lodo
Das desventuras o maldicto sèllo ;
Por que minha alma se manchou d'escarneos,
Por que meu seio se cobriu de gêlo.

Por que meu seio se tornou de pedra
Por que minha alma descorou de dôres.

Não recordam acaso estas linhas aquella sentença que atirou Zorrilla á frente dos poetas :

Qu' el poeta en su mission
Sobre la terra que habita,
E's una planta maldicta
Com frutos de bendition.

Não lembram a sentida « Minha alma é triste » de Casimiro de Abreu, e ainda mais o « Amaritudo » de J. Pinto Ribeiro Junior, que termina assim :

O' noite, ó negro abysmo ! ó unica verdade
Que a tudo como fim só me é dado encontrar,
O' morte, unica porta exposta á claridade
Do bem, abre-te, pois, e deixa-me passar !

O Sr. Varella devia ter tomado para epigraphe da sua composição estes versos daquelle, mais infeliz, mais apaixonado, mais genio ainda, Espronceda :

Mi propria pena con mi risa insulto,
Y me divierto en arrancar del pecho
Mi mismo corazon pedazos hecho....

IV

Temo de ter-me tornado prolixo de mais n'esta apreciação, e que o leitor me pergunte por fim:—o que prova tudo isso.

Não prova coisa alguma, sei eu; que não hade ser a minha recommendação senão o proprio merecimento que abrirá ao Sr. Varella as portas da estima publica.

Deixo de mencionar muitas outras poesias de grande valor que contém as «Vozes d'America», para ir ver agora se o autor está livre de toda e qual quer censura. Ninguem pôde nunca subir ao céu sem passar pelo purgatorio, assim como, sem comparar o trovador novel com o príncipe dos poetas, não houve ainda Victor Hugo sem o seu Mirecourt.

O Sr. Varella não é um versificador perfeito.

O seu livro contém algumas imperfeições de metro que seria para desejar-se uma póda conscienciosa na segunda edição.

A' vista do que emittimos acima, ninguem pôde tomar isto á conta de vontade de torturar o livro.

A symitria do verso, que tambem desconhecia Alvares de Azevedo, é hoje uma das coisas mais curadas entre os poetas de todas as nações, e o é principalmente por italianos, hespanhóes e portuguezes. O Sr. Varella não dá importancia a symitria em muitos lugares. Mistura versos agúdos, graves e esdruxulos a cada momento, emprega uns onde devia usar de outros o que produz uma sonancia pouco agradavel.

Conteve-se o barbaro.—Misero cão!
Humilha-te, abaixa-te, é tempo, senão
Etc....

Estes dois versos agudos são de um resultado imoportuno para os ouvidos. Se o author tivesse usado agúdos nos dois primeiros versos em todas as estro-

plus, sim, mas emprega aqui e logo substitue-os por graves sem discripção.

Parece que a contextura natural de todo esse canto era: o 1º, 2º, 4º e 5º graves, o 3º e 6º agúdos, ou como melhor lhe aprouvesse, comtanto que o que se dêsse n'uma sextilha fosse observado em todas. Assim em outros muitos lugares.

Tem tambem versos errados :

E Mauro calou-se Mais frio que a morte
Mais tremulo que os juncos ao sopro do norte.

o segundo verso é errado, tem uma syllaba de mais.

No zimbório infinito do dia ardente
As estrellas misturam-se entornando
Etc....

o primeiro verso é errado, tem duas syllabas de mais. E assim alguns poucos mais. Não pondo em conta os frouxos, duros, etc. que certamente não constituem defeito.

Sincero apreciador do Sr. Varella, de certo não lhe apontariamos estas faltas, se não tivessemos em mira só uma coisa, o desejo de ver uma boa vocação seguir os verdadeiros trilhos da arte. E' essa a nossa intenção n'esta parte

V

Ahi está, meu amigo, o que eu penso de uma das mais esperançosas vocações da moderna geração.

Creio não ter brigado com a verdade em parte alguma d'este escripto e que a deixei socegada lá no fundo do seu poço onde o Sr. Alexandre Herculano affirma que ella está a rir de nossas miserias, o que eu muito admiro, pois é não doer-se das pedradas que lhe estão a atirar d'aqui todos os que lhe passam pelas bordas do escondrijo, agachados por traz da hypocrisia para não serem vistos d'lla.

Tu e os mais esclarecidos entre os quaes tens assento, julguem do poeta, que eu apenas admiro.

O que devemos é fazer votos para que a bôa litteratura vá tendo destas acquisições muita vez ; « da poesia piegas nos livre Deus por sua infinita misericordia, » como dizia o Garrett.

Pensarás que destas colheitas podiamos fazer mais frequentemente ; déssem um pouquinho mais de instrucção ao povo, déssem..... mas o que vou dizer se nem tú, nem eu somos Moyzés para estarmos a escorrer agua dos rochedos ?.....

Sabes que sou o teu etc.

F. QUIRINO DOS SANTOS

S. Paulo 29 de Julho de 1864.

MAURO O ESCRAVO

(FRAGMENTOS DE UM POEMA)

A SENTENÇA

I

**Na sala espaçosa cercado de escravos,
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas prezas agora de infundo terror ;
Lotario pensava, Lotario o potente,
Lotario o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tyranno e senhor.**

II

Nas rugas da frente fatidica e rude
Não tinham-lhe as rozas de longa virtude
Do tempo os vestigios lavado em perfumes ;
Mas ah ! fria nuvem de horror as cobria,
Nublava-lhe o rosto, mais negros fazia
Dos olhos ardentes os férvidos lumes.

III

No inverno da vida, dos tempos passados
Ninguem lhe sabia. Boatos ousados
Erguiam-se as vezes; mas ah! que diziam?
Lotario era grande; seus bosques passavam
Das serras além; seus campos brotavam
Riquezas immensas que a tudo cobriam.

IV

Depois é tão facil na sombra nocturna
O insecto esmagar-se, de voz importuna,
Que o ouvido nos enche de tedio e de nojo!
Um gesto. uma espera. na estrada uma cruz.
Só sabem-no as selvas, os fossos sem luz
E as serpes que a plaga percorrem de rojo.

V

Na sala espaçosa Lotario pensava.
Roberto seu filho de um lado esperava
Trememente, ancioso, que o pai lhe fallasse.
A turba de servos immoveis, silentes,
Os braços crusados, as fronte pendentes,
A voz aguardava que as ordens dictasse.

VI

—Conduzam-me o escravo! Lotario bradou;
O bando de humildes a sala deixou
A's torvas palavras do torvo senhor.
Lotario sombrio voltou-se á seu filho,
A quem, dos olhares, corria, no brilho,
A chamma sinistra de um genio trahidor.

VII

—Socega Roberto; lhe disse, é forçoso
Que eu puna o Africano feroz, revoltoso,
Que ousou levantar-se da lama á teus pés.
Roberto curvou-se. O pai se affastando
Sentou-se, e os sobr'olhos fataes carregando,
Em scisma profunda perdeu-se outra vez.

VIII

Momentos passados, um surdo ruido
Ergueu-se da escada, por entre o tinido
De ferreas cadêas batendo no chão,
E os servos de volta, trazendo o culpado
Tristonho, olhos baixos, o dorso arqueado,
No centro pararam do antigo salão.

IX

Silencio profundo! nem um movimento
Se via no grupo, que tremulo e attento,
A voz esperava que alçasse o senhor;
Lotario media severo o captivo,
E as faces do filho tyrannico e altivo
Cobriam-se aos poucos de vivo rubor.

de alguns de

X

—Escravo, aproxima-te. Ao mando potente,
Moveu-se o inditoso brandindo a corrente,
E erguendo a cabeça fitou seu juiz;
Que traços distinctos! que nobre composto!
Que lume inspirado saltava do rosto,
Dos olhos doridos do escravo infeliz!

XI

Oh! Mauro era bello! Da raça Africana
Herdára a coragem sem pár, sobre-humana,
Que aos sopros do genio se torna um volcão.
Apenas das faces um leve crestado,
Um fino cabello, com tudo anelado,
Trahiam do sangue longincua fuzão.

XII

Trinta annos contava; trinta annos de dôres
Do estio da vida seccaram-lhe as flôres
Que a aurora banhára de orvalhos e luz,
Deixando-lhe apenas um odio sem termos,
E d'alma indomavel, nos cálidos ermos,
A chamma vivace que a força traduz.

XIII

Mas isto que importa? dos mares no fundo,
No lodo viscoso do pantano immundo,
Tem brilhos o ouro, scintilla o diamante?
E a testa cingida de ethereo laurel
Tem vida se o mundo nodôa-a de fél
E curva aos martyrios de um jugo aviltante?

XIV

—Conheces teu crime? gritou o senhor.
—Não! Mauro responde com frio amargor,
O tigre encarando que em raiva o media.
—Pois que, desgraçado? fremente exclamou,
E erguendo-se rubro, Lotario avançou
Ao servo impassível que ao raio sorria.

XV

—Pois que desgraçado! tú zombas de mim!
E ousado, e insolente contempas-me assim!
A mão levantando Lotario bramio.
Mas frio, tranquillo, sereno o semblante,
Sem dár nem um passo, mover-se um instante
O escravo arrogante de novo sorrio.

XVI

Conteve-se o barbaro.—Misero cão!
Humilha-te, abaixa-te, é tempo, senão
Com ferreos açoites arranco-te a vida!
—Conheces teu crime?
—Ignoro, senhor;
Minh'alma é tranquilla, só tenho uma dôr,
E essa é de funda, secreta ferida.

XVII

—Tu'alma é tranquilla? Tú nada fizeste?
Tú contra meu filho brutal não te ergueste,
Nem duros insultos lançaste-lhe ás faces?
—Não nego, é verdade.
—Confessas?
—Confesso!
E o escravo agitou-se, do odio no excesso,
Lançando dos olhos scintellas fugaces.

XVIII

Lotario tremeo. Nas luzes febreintas
D'aquellas faiscas, passaram sedentas,
As furias medonhas de eterna vingança.
Callou-se um momento, sombrio, engolfado
N'um pego de idéas, talvez despertado
Ao subito choque de viva lembrança.

XIX

Mas logo de novo raivoso, incendido,
Voltou-se ao captivo:—Captivo atrevido,
Porque ultrajaste teu amo e senhor?
—Porque? disse Mauro; porque? vou dizer;
Porque? eu repito que assim é mistér:
Teu filho é um covarde, teu filho é um trahidor!

XX

—Segurem-no! branco, de colera arfando,
Rugio o tyranno convulso apontando
O escravo rebelde que os ferros brandia.
—Segurem-no! e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia!

XXI

O bando de servos lançou-se, ao mandado.
—Ninguem se aproxime! bradou exaltado
O moço captivo sustendo a corrente.
A turba affastou-se medrosa e tremendo
E Mauro sublime, seu odio contendo,
Fallou destemido do despota á frente:

XXII

Não creias que eu tema! não creias que escravo,
Supplicios me curvem, ai! não que sou bravo!
Porque me condemnas? que culpa me opprime,
Senão ter vedado que um monstro cruento,
De fogos impuros, lascivos, sedento,
Lançasse a innocencia nas lamas do crime?

XXIII

Oh! sim, sim, teu filho no lubrico affan,
Tentou a deshonra levar minha irmã!
Ai! ella não tinha que um misero irmão!
Ergui-me em defesa, teus ferros esmagam,
Humilham, rebaixam, porém não apagam
Virtudes e crenças, dever e affeição!

XXIV

Fiz bem! Deus me julga! Tú sabes meu crime,
O féro delicto que a fronte me opprime,
As faltas nefandas, os negros horrores;
Agora prosegue, prosegue estou mudo,
Condemna-me agora que sabes de tudo,
Abafa-me ao pezo de estolidas dôres!

XXV

E Mauro callou-se. Mais frio que a morte,
Mais tremulo que os juncos ao sopro do norte,
A' viva ironia Lotario abalou-se.
—Affastem-no!. Affastem-no!. ergueu-se rugindo,
E a turba dos servos o escravo impellindo,
Em poucos instantes da sala affastou-se.

XXVI

Ah! misero Mauro! passados momentos,
Terrível sentença, dos lábios sedentos
Baixou o tyranno, que em fúrias ardia:
—Amarrem-no, e aos golpes de rabido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite
Até que lhe chegue final agonia.

XVII

Mas quando a alvorada no espaço raiava,
E os bosques, e os campos, risonha inundava
Das longas delicias do ethereo clarão,
O escravo rebelde debalde buscaram,
Cadêas rompidas sómente encontraram,
E a porta arrombada da dura prisão.

O SUPPLICIO

I

Na hora em que o horizonte empallidece,
Em que a brisa do céu vem suspirosa
De humidos beijos affagar as flôres,
E um véu ligeiro de subtis vapores
Baixa indolente da montanha umbrosa;

II

Na hora em que as estrellas estremecem
Lgrimas de ouro no sidéreo manto,
E o grillo canta, e o ribeirão suspira,
E a flôr mimosa que ao frescor transpira
Peja os desertos de suave encanto ;

III

Na hora em que o riacho, a veiga, o insecto,
A serra, o taquaral, o brejo e a matta
Fallam baixinho, a cochichar na sombra,
E as molles felpas da campestre alfombra
Molham-se em fios de fundida prata ;

IV

Na hora em que se abala o santo bronze
Da igrejinha gentil no campanario,
Uma voz lacerada, enfraquecida,
Levantava-se amarga e dolorida
Da sombria morada de Lotario.

I

Eu vou morrer meu Deus ! já sinto as trevas
As trevas de outro mundo que me cercam !
Já sinto o gelo me correr nas veias,
E o coração callar-se pouca á pouca !

II

Eu vou morrer, meu Deus! minh'alma lucta,
E em breve tempo deixará meu corpo.
Tudo em torno de mim foge. se affasta.
Já estas dores não me pungem tanto!

III

Não. meus sentidos se entorpecem. Bello
O meu anjo da guarda me contempla;
Meu seio bebe virações mais puras,
Creio que vou dormir. sim, tenho somno.

IV

Minha mãe!. meu irmão!. eu não vos vejo!
Vinde abraçar-me que padeço muito!
Mas de balde vos chamo. Adeus.. Adeus.
Eu vou morrer,. eu morro. tudo é findo.

V

E a voz debilitava-se, fugia,
Comò o gemido flebil de uma rolla
Nos complicados dédalos da selva,
Até que em breve se escutava apenas
O estallo do azorrague amollecido,
Sobre as feridas do coalhado sangue
Da pobre irmã do desditoso Mauro.

VI

—Basta! bradou um dos algozes, basta!
Deixai-a agora descançar um pouco,
Repousemos tambem; meu braço é fraco,
Innunda-me o suor! logo. mais tarde,

Acabaremos a tarefa de hoje.
Logo? estas doido? a creatura ha muito,
Que sacudio as azas.

—Sim!. é pena.

—Apalpai-a e vereis.

—Com mil diabos!

Ide ao amo fallar, responde o outro
Limpendo na parede a mão molhada.

VII

Os que este officio lugubre cumpriam
Era um branco robusto,—olhar sinistro,
Cabeça de panthera; o outro um negro
Possante e gigantesco; as costas nuas
Deixavam vêr os musculos de bronze
Onde o suor corria gota á gota.

..... ..

VIII

—Meu senhor. .

—O que queres! falla e deixa-me.

Lotario respondeu voltando o rosto
Ao servo herculeo que da porta, humilde
Lhe vinha interromper nas tredas scismas.

—A mulata morreo.

—Pois bem, que a deixem

E enterrem-na amanhã.

A esta resposta

Decisiva e laconica, o Africano
Retirou-se a buscar seu companheiro,
Deixando o potentado, que de novo
Mergulhou-se nas fundas reflexões.

.....

IX

Ao vivo encanto de uma aurora esplendida
Voltando o rosto a noute despeitada
Cedeu-lhe a criação, e foi ciosa
Esconder-se em seus astros. As florestas
Sacudiam a coma embalsamada,
Onde ao lado da flôr o passarinho
Se desfazia em queixas amorosas.
Tudo era bello, radiante e puro,
Palpitante de vida; a natureza
Como a noiva feliz, tinha trajado
As mais soberbas gallas, e estendia
Os seus labios de rosa ao rei dos astros,
Que ancioso tremia no oriente
Para libar-lhe seu primeiro beijo.

X

Mas atravez do manto vaporoso,
Que leve e tenue para o céu se eleva
Nas madrugadas festivâes do estio,
Um grupo silencioso caminhava
Pela encosta do monte, conduzindo
Um fardo extranho e dubio; era uma rede
Nodoada de sangue! um corpo longo,
Rijo, estendido, desenhava as fórmãs
Sobre o sordido estofô. A madrugada
Que tão linda ostentava-se no espaço,
Tristonha e temerosa, parecia
Das vestes alvas affastar a fimbria
Desta scena sinistra e ensanguentada!

XI

Chegando ao topo da montanha, os vultos
Pararam, descansando sobre a terra
O pezo mortuario. A natureza
Que próspera lançára o encanto e a vida
Ao redor deste sitio, parecia
Ter-lhe tudo negado. O solo ingrato
Revolto, secco nem sequer mostrava
Uma gota de orvalho; desde a relva
Macia e vigorosa até a ortiga
Nada crescia ali! Triste, solemne,
Sobre um monte de pedras, levantava-se
Apenas uma cruz em cujos braços
Dous passaros beijavam-se gemendo.

XII

—Pega na enchada e cava; disse o homem
Que presidira ao barbaro supplicio
Da pobre irmã de Mauro; abre uma cova
Aqui neste lugar, e bem depressa,
Oito palmos de fundo e tres de largo,
Atira dentro o corpo da mulata,
Cobre de terra e calca. Estas palavras
Foram ditas ao negro gigantesco
Que á vespera sorria-se, rasgando
As carnes da infeliz. Depois voltando-se
Aos outros desgraçados:—venham todos
São horas dos trabalhos! E partiram.

XIII

Em breve tempo os golpes compassados
De uma enchada pezada, começaram
A cahir sobre a terra, lentamente
Abrindo o ultimo leito da inditosa.

O feroz Africano proseguia
No seu lugubre officio sem ao menos
Levantar a cabeça. Alguns minutos
Já tinham decorrido quando em frente
Uma voz retumbante levantou-se
Fazendo ouvir-lhe o nome, o bronzeo monstro
Parou, volveu em torno o olhar selvagem,
E murmurou estremecendo—Mauro!

XIV

Sim, era Mauro, e quam mudado estava!
Dias sem luzes, noutes sem descanso,
Tinham dez annos lhe roubado a vida!
N'aquella fronte scismadora e doce,
Onde luzia a resignação outr'ora,
Passavam nuvens de fatal vingança,
De planos infernaes! N'aquelles olhos
D'onde incessante vislumbra o genio,
O genio que o senhor prefere ás vezes
Sobre a choça lançar do que nos paços,
O genio que alimenta-se de dores
E vive de amargor, n'aquelles olhos
Raios de sangue se cruzavam, rapidos!
A face descarnara-se, os cabellos,
Os cabellos, oh! Deus, negros, luzentes,
Em poucos dias alvejavam! Mauro
Era uma sombra apenas e uma idéa:
Sombra de dôr, idéa de vingança!

XV

Não era o seu trajar o de um escravo,
Nem tambem de um senhor. Sombria capa,
Grosseira, embora, lhe cobria os hombros
E deixava entrever pendente á cinta
Uma faca ou punhal; largo chapéo

De retorcidas abas inclinava-se
Mostrando a vasta frente; uma espingarda
Trazia á mão direita. onde encontrára
O escravo estes recursos? Não se se sabe.
Déra-lhe alguém, ou os roubára? Mauro
Era nobre demais : desde creança
Bebera as leis de Deos dos santos labios
De velho Missionario, e aprendêra
A decifral-as nos sagrados livros,
Embora á furto, á medo, que ao captivo
E' crime levantar-se alem dos brutos.

XVI

— Mauro!. de novo estupefacto, tremulo,
Ao aspecto do transfuga sinistro
O negro murmurou:

— Oh! sim, é Mauro!

Bradou aquelle adiantando-se; abre
Esta rede depressa, quero vel-a,
Vel-a ainda uma vez depois. viungal-a !
—E' tua irmã.

—Bem sei. Abre essa rede,
Abre essa rede, digo-te!

O africano

Deixou a enchada e foi abril-a. Oh! Deos?
Não era um corpo humano, era um composto
De carnes laceradas, rôxas, fétidas,
Inundadas de sangue! Massa informe
De musculos pollutos, negro emblema
De quanto ha de feroz, barbaro, tétrico,
Cruentamente horrivel! O captivo
Exalou da garganta um som pungente,
Tigrinô, e tão selvagem, que o africano
Sentio um calafrio; ergueu os olhos
Abrazados ao céo, depois sem forças
De joelhos cahio junto ao cadaver

E se desfez em lagrimas ardentes,
Em soluços doridos. Impassivel,
Frio como as estatuas Indianas,
O negro contemplava este espectaculo
Que abalaria de piedade as pedras,
E susteria as rabidas torrentes
Nas rochas escarpadas!

Bem; é tempo,
Basta de inutil pranto! disse Mauro
Ergundo-se do chão; e tu agora,
Fallou fitando o turbido coveiro,
Cumpre com teu dever!. de novo os olhos
Encherão-se de lagrimas.-- Adeos!
Adeos! misera irmã, tu és ditosa!
Deos te deu a corôa do martyrio
Para entrares no céu; a côrte angelica
Espera-te sorrindo. e eu inda fico,
E tenho de esgotar até as fézes
A taça envenada da existencia!

I

Tu passaste na terra como as flores
Que a geada hibernal derriba e mata;
Foram teus dias élos de teus ferros,
E teus prazeres lagrimas!

II

Negou-te a primavera um riso ao menos;
Dos sonhos na estação, nenhum tiveste;
A aurora que de luz inundava os orbes
Te abandonou nas trevas!

III

Alma suave a transpirar virtudes

Genio maldicto arremessou-te ao lodo!
Buscaste as sendas lucidas do Emyreoo,
E apontaram-te o cahos!

iv

A providencia que os coqueiros une
Quando a tormenta pelo espaço ruge,
Até o braço de um irmão vedou-te
Oh! planta solitaria!

v

A morte agora te escutou, creança!
Trouxe a alvorada que esperaste embalde,
E adormecida nos seus molles braços
Poisou-te junto a Deus! . . .

XVII

Assim Mauro fallou. Pezada e surda
A enchada do coveiro retumbava,
Como o bater funéreo e compassado
Do quadrante do tempo. O foragido
Lançou inda um olhar piedososo e triste
Sobre os restos da irmã, depois ligeiro
Afundou-se no dédalo das selvas.

A VINGANÇA

I

Trez vezes percorrido as doze casas
Tem o rei das espheras. E' um dia

Brilhante e festival, cheio de jubilo
Nos immensos dominios de Lotario.
A habitação transborda de convivas,
Retroa a orchestra, tudo ri-se e folga,
E os proprios servos no terreiro juntos
Dansam contentes, sem lembrar-se ao menos
Da escravidão pezada. O que ha de novo?
Que facto estranho ha transformado a face
Desta sinistra e turbida morada?
Não o sabeis? Roberto hoje casou-se,
Roberto o filho amado de Lotario
Cujos dominios não abrange a vista:
Feliz trez vezes a formosa-noiva!

II

A dança, o riso, os brindes e as cantigas
Até a noite vão; quando já debeis
As luzes vacillavão nos seus lustres,
E o cansaço abatia os seios todos;
Quando convulso o arco estremecia
Nas cordas da rebecca, e os olhos languidos
Percorrião os grupos fatigados,
Roberto palpitante de ventura,
Louco de amor, a fronte incandescente
De abrazadas idéas, affastou-se
Do meio dos convivas, e furtivo
Desceu ao campo a respirar as brisas
Embebidas dos languidos perfumes
Das noites do verão. Tudo era calmo,
Sereno e socegado; a natureza
N'um leito de volupias adormida,
Parecia sorrir-se desdenhosa
Ao jubilo ruidoso que partia
Da casa de Lotario. Pensativo
Roberto se sentou sobre uma pedra
A' margem de um regato, abrindo o seio
Ao transpirar balsamico das flores.

III

Nas noites de noivado, quem se atreve
A deixar o festim, antes que a aurora
Não surja no horizonte? Assim o moço
Vendo inda longe a hora desejada,
Incendido de fervidos desejos
Maldizia essa festa, esses convivas,
Essa ardente alegria, que adversa
Levantava-se entre elle e a noiva amada.

IV

Longo tempo assim estive, mergulhado
Nas suas reflexões, quando se erguia
Para voltar á casa, um vulto escuro
A passagem cortou-lhe. O moço, rapido,
Volveu um passo atraz, e socegado
De seu primeiro susto, perguntou-lhe
— Quem és tu? o que queres?

Impassivel,
O estrangeiro affastou as largas abas
De seu vasto chapéo.

— Oh! Deus! é Mauro!
Mauro, o que queres? falla!

— Eis o que quero!
O escravo respondeu vergando o moço
Com seus braços de ferro; — eis o que quero!
Bradou cruento, amiudando os golpes
Terriveis e certos sobre o peito
Do mancebo infeliz; eis o que quero!
Repetio arrastando-o sobre a relva,
E despenhando-o sobre um fosso immundo,
Cheio de lama e apodrecidas plantas.
— Eis teu leito de vodas, boa noite.

V

À orchestra proseguia, ardente, forte, ...
Seus ruidosos accordes ; dos dansantes
Poucos se achavam do sallão no meio,
A maior parte conversava aos cantos
Cansada e somnolenta. De repente
Uma escrava lançou-se allucinada
Entre os grupos esparsos dos convivas !.
— Venham ! bradava, meu senhor está morto,
Meu senhor já morreu ! venham, acudam !
Um raio que tombasse no edificio
Não produzira tanto horror ! A orchestra
Callou-se repentina ; um calafrio
Correu nas veias todas, e nos rostos
A pallidez do tumulto estendeu se.
Levantaram-se tremulos, medrosos,
Acompanhando a escrava, que apressada
Ao quarto de Lotario os conduzio.

VI

Elle estava deitado no assoalho
Innundado de sangue ; um surdo ronco
Partia-lhe do seio, e os olhos baços
Uma janella aberta contemplavam,
Como querendo descobrir nas trevas
Um profundo mysterio. O quarto cheio,
Repleto de convivas e de escravos,
Retumbou de questões :— onde foi elle ?
Como foi ? conheceram-no ? seu nome ?

VII

Lotario apenas, já levado ao leito,
Para a janella olhava, abria os labios,

Uma palavra ia partir, depois
Vendo baldados os esforços todos,
Soltava um som pungente e cavernoso,
Entre espuma sangrenta, da garganta.

VIII

Duas horas de angustias se passaram.
A morte caminhava passo a passo,
E não tardava vir sentar-se, livida,
Do leito do senhor á cabeceira.

IX

Tudo era em vão ; cuidados e soccorros
Gastaram-se de balde. Um dos captivos
Montado sobre rapido cavallo,
Corrêra a ver o medico ; era longe
A morada do filho da sciencia ;
E a sina de Lotario estava recripta !

...

X

Quando a sombra funérea de alem mundo
Começou a turbar-lhe o olhar e o rosto,
Supremo esforço elle tentou ; ergueu-se
Por uma extranha força, abriu os labios
E murmurou com voz lugubre e funda,
Com essa voz tão proxima dos tumulos,
Que parece partir de negro abysmo :
— *Tambem era meu filho !* . . . e extenuado
Cahio sobre os lençóes, rigido, frio,
Já dominio da campa !

Em vão tentaram

O sentido buscar dessas palavras
Que Lotario dissera ao pé da morte,

Em vão tentaram descobrir aquelle
Que era tambem *seu filho!* densas trevas,
Impenetravel manto de mysterio
Cobria esse segredo, e o unico lume
Que pudera surgir, o gelo frio
Tinha apagado para sempre ! A campa
Discreta confidente esconde tudo !

VIZÃO

...

...

I

E' noite ; da serrania
Na selva negra e sombria, —
Bate rija a ventania
Com lufadas horrorosas ;
Cae a chuva estrepitando,
E pelas brenhas rollando,
Tomba a torrente espumando
Nas cavernas tenebrosas.

II

Ruge no espaço o trovão ;
Do raio o fulvo clarão
Rasga o véo da escuridão
Com furia descommunal,
E das frias sepulturas
Erguem-se as larvas impuras
Cantando nenias escuras
Ao sopro do vendaval.

III

Por esta noite de horrores,
Da tempestade aos furores,
Quem se atreve sem temores
Pelos ermos se embrenhar?
Quem és tú vulto descrido,
Tredo espectro foragido,
Que em teu corsel destimido
Cortas o plaino a voar?

IV

Tens os olhos encovados,
De fundos visos cercados,
Sinistros sulcos deixados
Por otros vicios talvez;
A fronte escura e abattida,
Roixa a bocca compimida,
A face magra tingida
Da morte na pallidez.

V

Do fuzil á luz fremente
Brilha-te á cinta, na frente,
Lamina fria e luzente
De retorcido punhal.
Que dizes de quando em quando,
Que teu corsel se alentando,
Rasteja apenas, passando,
As folhas do matagal!

VI

Não te amedronta a tormenta
Que pelas nuvens rebenta,

E sobre as azas sustenta
Dos raios a legião?
Nem te horrorizam gemidos
Dos espiritos, que unidos,
Nos áres correm, pendidos
Do sudario do tufão?

VII

Quem sabe se a Divindade,
Em sua santa equidade,
Te envia da eternidade
Para no mundo vagar?
Quem sabe se é teu castigo
Transpor perigo e perigo,
Sempre exposto ao desabrigo
Pelo deserto á penar!

VIII

Váe!. e se acaso és culpado,
Corre, corre desgraçado
Cumprindo teu negro fado
Por valles e serranias!
O trovão ronca tremendo,
Os cedros pendem rangendo,
Os genios pulam gemendo
No embate das ventanias!

NOTA

Este poema foi composto em uma viagem que fez o author, ao interior da provincia de S. Paulo.

Tendo porém perdido uma grande parte, e sendo instado por amigos para que concluísse, vio-se na necessidade de ajuntar algumas lembranças que ainda lhe restavam, e continual-o da maneira em que está.

O que apenas escapára são as estrophes regulares e rimadas da primeira parte, começo da segunda, e epilogo.

Os versos brancos substituem ao que se tinha extraviado.

Handwritten signature or scribble

PREDESTINAÇÃO

(RECITADA NA SESSÃO MAGNA DO—CULTO A' SCIENCIA—)

A noite espira ; as estrellas
Mais seductoras e bellas
Desmaiam no céu azul ;
Cobre-se a relva de prantos,
A nevoa desdobra os mantos
Nas montanhas do Friul.
Tudo é tristonho e silente,
Mas nas raias do Occidente
Um arco-iris fulgente
Se debruça n'amplidão,

Em quanto que vacillante
Nas campinas do Levante
A lua caminha errante
Com seu pallido clarão.
E' a hora dos mysterios;
Ao longe nos cemiterios
Giram phantasmas funereos
Entre horrendas monodias;
Sylphos correm nas campinas,
Brincam no mar as ondinas,
Dançam fadas peregrinas
No topo das serranias.

Nas quedas vagas
Miram-se as plagas
E o monte e as fragas
A luz astral;
Abrem-se as flores
Vertendo odores,
Entre os frescores,
Do laranjal.
A brisa errante,
Dubia, inconstante,
Bebe offegante
Quentes perfumes,
Depois se irrita,
Volteia e grita,
Na onda agita,
Férvidos lumes.

Nos bosques
Tristonhos,
Em sonhos,
Pendidas,
Sentidas,

**Gorgeiam
As aves;
E as loucas
Phalemas,
Se abraçam,
Se enlaçam,
Perpassam,
Em gyros
Suaves.**

**Vagas,
Plagas,
Fragas,
Soltam
Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tibios
Mantos.
Alva,
Nua,
A lua
Cáe;
E triste,
Eivada,
Ao nada
Váe.
Desponta
A estrella
D'alva,
Bella,
Audaz,
Vivaz,
Do monte
Ao pé;**

E a terra
Em cantos,
Prantos,
E'

.... ..

Descança pensador! já no oriente
Os corseis da manhã pulam raivosos
 Entre as nuvens azues,
E o rei das estações virá bem cedo
Brilhar soberbo nas ceruleas plagas
 Em seu carro de luz.

Descança pensador! tudo o que a noite
No palleo tenebroso adormeceu,
 Váe de novo se erguer;
No brando somno aviventou-se a terra,
E como a phenix surgirá mais bella
 Ao grato amanhecer.

Porém, que fazes tú? pendido aos livros
Tentas, quem sabe, derribar as sombras
 De ignoto horisonte;
Na insomnia suarenta ardem-te os olhos
E um turbilhão de mysticas idéas
 Te paira sobre a fronte.

E's moço ainda. que velhice é essa
Fria e sem gelos que te nubla a vida,
 Enruga-te o semblante?
E fugindo do tempo a longos passos,
Cerra-te, ainda no verdor dos annos,
 No seio agonisante?

Poeta ou louco, sonhador ou sabio,
Mineiro do passado, ou nauta ousado
Dos mares do porvir,
Basta de scismas! abandona o voo
De tú'alma arrogante entre as esferas
São horas de dormir!

.. . . .

A luz da alampada fragil
Lucta co'as trevas em vão,
Depois se estorce, soluça,
Lança um ultimo clarão.
O pensador se levanta,
Busca o leito, estende a mão,
Mas um encanto sem termos
Lhe prende os passos no chão!
Tremem-lhe os nervos convulsos
Sob extranha sensação;
Frio suor banha o rosto,
Bate em ancia o coração.
Então das trevas no meio
Rebenta immenso clarão,
E entre o rumor de cem harpas
Se levanta uma vizão.

.. . . .

—Branca Virgem do céo! Divina Imagem
Entre lyrios de luz sorrindo ao mundo,
Ao pobre sonhador que novas trazes
No retiro profundo?

O teu rosto é mais puro do que a neve
A' lua oriental sobre o Hymalaia;
Teus seios como as vagas preguiçosas
Que suspiram na praia.

Teus olhos são mais doces que as estrellas
Que se espelham nas ondas de Tarento;
Mais perfumada a tez que as magnolias
Da languida Sorrento.

Teus labios são granadas; teus cabellos
Rollam em vagas de cendrado loiro,
Como a princesa de encantado reino
O longo manto de oiro.

Eras tú, eras tú que em minhas noites
Entre sonhos febris ardente eu via!
Pallida e bella como agora,—erguida
Em mundos de harmonia!

Eras tú, eras tú!—no céo, na terra,
Na brisa da manhã,—no val, na flor!.
Eras tú minha unica esperanza,
Eras tú meu amor!..

Oh! não me deixes mais! vem a meu seio,
Vem teu destino partilhar comigo,
Mas se o céo te reclama, ao céo nos braços
Ai! leva-me contigo!.

..

—Temerario mortal, cabeça louca
Entre sombras e luzes desvairada,
Tú que és filho do pó, no pó nascido,
Porque tentas erguer-te á luz das luzes,
E amores mendigar a ethereos seres
Que aos pés do Creador, eternos tecem
A harmonia incessante das espheras?

**Cala-te doido ! meo Senhor, meu Deus ;
Enviou-me a teu mundo, é necessario
Que no livro sem fim, mais uma folha
Se augmente no universo. Ergue-te e segue-me.**

**Por arcano ignoto a madrugada
Parece retardar-se.
A luz suave que enrubece as nuvens,
E váe sempre a augmentar-se,
Fica na tela azul paralisada,
A estrella do pastor
Prosegue sempre no seu langue gyro ;
Passam as horas, mais compridas voltam,
E a alvorada não sáe de seu retiro.**

.. ..

..

**No topo
De um monte
Que entesta
O horisonte,
Um templo arruinado se elleva nas sombras,
E em torno
Cahidas,
Estatuas
Partidas
Repousam da relva nas molles alfombras.**

**Os platanos crescem,
As rozas florescem.
E ao sopro dos ventos em queixas se emballam,
E as aguas
Dormentes
De tibias torrentes
Nas pedras lustrosas chorando resvalam.**

O Archanjo
Divino
Que arrasta
Sem tino
Consigo o mancebo no topo do monte,
Dettem-se
E tremendo
Seus braços
Erguendo
Sublime e inspirado lhe aponta o horisonte.

E' um quadro celeste! Além das flores
Que a aurora esparze do Oriente em fogo
No esplendido arrebol,
Aos olhares do moço um mundo immenso,
Palpitante de vida se levanta
A' luz de um outro sol.

No zimbório infinito, do dia ardente
As estrellas misturam-se entornando
Um divino clarão,
A terra pula nas caricias igneas,
E as florestas adornam-se das pompas
De um eterno verão.

As torrentes despenham-se cantando
Em leitos de esmeralda, e aos céos enviam
Borrifos de diamantes,
E das tendas sem fim que ao longe alvejam
Levanta-se a canção melodiosa
De um povo de gigantes.

As mulheres são anjos que vagueiam
Entre risos de amor á fresca sombra
De eternos palmeirae,

E dormem nuas sobre um chão de flores,
E resvalam cantando as fórmulas puras
Nos líquidos crystaes.

Um mundo inteiro de prazer e festas
Hymnos, perfumes, saudações e beijos
Rolla e batte no céu;
E o rio, a serra, as solidões e o homem
Se espreguiçam sorrindo ao sol divino
Da volupia no véo.

.. .. ;

—O que vês sonhador?

—Oh! não perguntes!

E' o imperio da luz, o Eden dos anjos,
A patria dos eleitos!

—Ella é tua,

Piza os martyrios, atravessa os mares.
Ergue-a da sombra e tú serás um deus.
Minha missão findou-se agora eu parto,
Sê ditoso e feliz.

—Oh! não me deixes!.

.. ..

Sonhei contigo quando a flôr da vida
Se abria aos poucos em meu fragil peito,
Quando em quimeras me perdia errante,
Quando de pranto orvalhava o leito!

Creança ainda, de meu berço á borda
Via-te a imagem debruçar-se rindo;
Depois mais tarde no rumor das côrtes
Passar nas luzes de um fulgor infindo!

Amei-te sempre ! procurei de balde,
Vizão etherea te apertar no seio !
Transpuz as plagas, visitei mil povos
Banhada a fronte de celeste enleio.

Nunca encontrei-te ! mas agora, agora
Que tens-me preso nos teus doces laços,
Mostra-me o mundo que sonhei contigo,
Depois procuras me fugir dos braços !

Oh ! não me deixes ! é divina a plaga
Que me apontaste d'amplidão no véo,
Não partas ! fica, viveremos juntos
A' luz etherea desse infindo céu !

..

—Calla-te louco ! tú não vês que a fronte
Cinge-me o louro de immortaes venturas?
Não vês que ardente, a eternidada em chammas
Gravou-me o sello de infinitas glorias?
Como posso te amar se aos pés do Altissimo
Minha harpa solitaria se enrouquece
Esperando por mim?—Calla-te louco,
Segue teu rumo neste mundo estreito
Consuma teu destino até que a morte
Para junto de Deos te leve a essencia.
Tú serás immortal,—as turbas doidas
Te adorarão na terra, e além no Emypreo
O exercito de Deos te espera ancioso,
Então . . talvez . . quem sabe ?

O santo Archanjo

Batte tres vezes crystalinas azas
E tres vezes se agita, após ligeiro
Se arroja n'amplidão.

—Oh ! não me deixes!
Murmura em prantos o infeliz mancebo.

Aleluia! Aleluia, ergue-se o dia,
Trinam as aves, desabrocham flôres
E a lampada dos seculos se balança
Entre jorros de luz no azul das nuvens
Mas o moço sombrio e desolado
Cobria a relva de amargoso pranto
Buscando em balde nos ceruleos paramos
A virgem de seus sonhos, e na terra
A plaga divinal que ha pouco vira.

Sabeis quem era esse mancebo pallido?
Era Colombo o Genovez, e a plaga
Que elle avistára ao longe—o Novo Mundo.

O PROSCRITO

(FRAGMENTO)

Se a luz d'aurora que enrubescce as nuvens
Trouxer-te um dia festival e bello,
Se o tenue arbusto de teus verdes annos
Erguer-se altivo e se cobrir de flôres,
Se a magoa, o odio, a maldição, o opprobio
O mundo e os homens, que mancharam impios
As vestes alvas de meus puros sonhos
Não te embargarem na jornada os passos,
Vota meu filho um canto de tu'alma
Uma pagina branca e perfumada
De teu doirado livro á pobre sombra
De teu misero pai; dá-lhe um lamento,
Lembra-te d'elle que adorou-te e muito.

Tú és tão tenro ainda, ainda tão debil,
Índa sagrado dos divinos beijos
Dos Archanjos do céo, e a fronte unvida
Da benção do Senhor na despedida
No teu somno infantil teus irmãosinhos
Filhos do ether e da luz se cruzam
Rossam e brincam sacudindo os sonhos
Os sonhos dessa plaga que deixaste
Tão bella, tão esplendida, tão santa!
Eu os vejo, meu filho, eu os escuto
Eu sinto refrescar-me a fronte cálida
O sussurrar das azas, quando triste
Nas longas noites me debruço ouvindo
Teu brando respirar, quando doudejo
Entre o goso e a esperança, o riso e a magoa
Alongando ao porvir fundos olhares.

Ah! que eu não possa divisar no espaço
Tua estrella fatal. e a veja fulgida.
E não te leve como a minha ao orco
De um continuo chorar!. Ah que eu não possa
Romper o muro dos vindouros tempos
E contemplar as scenas de teu drama,
Que eu não possa as traçar! Mas não, é cedo!
Muito cedo meu Deus! que lei sinistra
Me impelle a povoar de tréva e lucto
Tudo o que ha de mais bello e mais formoso
No teu vasto poema? encher de espinhos
As mais suaves sendas da existencia
E rodear de lividos espectros
O molle berço onde o innocente dorme
Lembrando-se do Emyreio e seus deleites?

Ah! não meu pobre filho o teu destino
E' lindo como a aurora e como as flores
Banhadas de de luar; sublime e grande
Como o sol que levanta-se das ondas
Ondas de chammas derramando aos orbes.
Tú te erguerás robusto como o cedro
A cuja copa se debruça a nuvem
Palpitante de amor; irás tão alto
Como o passaro rei do Novo Mundo!

*

Então se ouvires murmurar meu nome
Talvez envolto n'um cruel desprezo
Ninguém maldigas pois, váe no silencio
Quando a noite for calma e os ventos mudos
Orar em meu jazigo e com teu pranto
O leito serenar.—Pobre dormente
Não entendeu-me o mundo e inexoravel
Lavrou minha sentença, e sobre a campa
No epitaphio do olvido ella se grava!

Oh! filho de minh'alma, último lume
Que neste céu nublado apparecia!
Minha esperança amargamente doce,
Quando as aves passarem do Occidente
Buscando um novo clima onde poisarem,
Não mais te emballarei sobre os joelhos
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!
Jámais! a areia tem corrido, e a folhã
De minha treda historia está completa!

Não proves nunca do existir na taça
O fêl que eu hei tragado; e a dor intensa,
A's angustias mais intimas do espirito
Nunca recebas o sarcasmo acerbo
Que ao leito da desgraça o mundo cospe!
Nunca vejas a lenda de teus dias
Salpicada de lama e de veneno
Como pollucta vi passar-se a minha!

Cresce, meu filho amado, inda te vejo,
Inda me é dado te appertar ao seio
Beijar-te a rosea face!—este momento
E' mais que a eternidade! Cresce, vive,
E se algum dia no meu livro escuro
Esta folha encontrares, vota ao menos
A' frente que a pensou um triste pranto,
Vê que teu pai soffreo e não mentio.

VINGANÇA

O matto virgem dorme. As ondas de verdura
Embebem-se de orvalho, desprendem dubios cantos.
Não ha no céu um astro, tudo é tristesa e sombras,
Apenas lá bem longe, da relva nas alfombras,
Soluça uma luzinha das nevoas entre os mantos.

Ali junto do brejo, aonde os nenuphares
E os juncos rebentaram ao sopro de cem noites,
Do antigo caçador levanta-se a morada
Exigua, denegrída, sósinha e abandonada
Do vendaval sanhudo aos rábidos açoites.

O limo verde-escuro se estende nas paredes,
As aves no telhado seu ninho fabricaram,
E os cardos solitarios que crescem no terreiro
Parecem repetir o drama todo inteiro
De funebres angustias e dores que passaram.

Ha perto de dous annos que o caçador morreo.
Trahidores inimigos em hora erma e sem luz,
Cortaram-lhe da vida a teia delicada.
Seu corpo hoje repousa lá junto a encrusilhada
Onde ergue-se entre pedras o vulto de uma cruz.

A noite váe em meio; a pallida viuva
Escuta as ventanias que no deserto rugem;
O filho recostado n'um canto, junto ao muro,
De uma arma gigantesca areia o cano escuro
Manchado ha muito tempo de sangue e de ferrugem.

Um velho cão, já cégo, dormita junto ao fogo,
Mexendo-se na cinza, roncando surdamente;
Antigo companheiro do caçador, no somno
Talvez sonhe seguir os passos de seu domno,
Da funda matta virgem no dédalo florente

Mirando o torvo filho, da velha nos olhares,
Sinistro raio passa de lugubre esperanza;
O rustico mancebo sorri-se, e lhe responde
Sombrio, carregando as sobranceiras, onde
Se cruzam, se alvoroçam as sombras da vingança.

De subito um ruido extranho e prolongado
Resôa junto á porta, se perde na campina,
E lá de bem distante, do seio dos desertos,
Nas azas se aproxima dos furacões incertos
Agudo e retumbante o som de uma buzina.

O velho cão se elleva nas patas dianteiras;
O moço deixa em terra cahir a arma funesta;
—Silencio! diz a velha, medonha a noite váe.
E o expectro ensanguentado de teu defuncto pai
Acorda os longos echos do meio da floresta.

—Quem bate ahí!

—Não temas, abre-me a porta, mãe,
A chuva me congela, e o frio faz tremer!

—Louvado Deus! a velha se elleva somnolenta,
E volta sobre a porta a chave ferrugenta
Que ao braço fraco e debil retarda por ceder.

—Entra depressa filho!

Um turbilhão de vento
Engolfa-se pejado de chuva na cabana;
Depois salta o mancebo tremente, gotejando;
Sacode as gróssas roupas, e senta-se atijando
O fogo vacillante do meio da choupana.

—De muito longe vens?

—Oh! sim! de muito longe,
Andei o dia inteiro vagando no sertão.

—Caçaste?

—Sim.

E a caça puzeste pois aonde?
O moço se levanta sombrio, não responde,
E um funebre objecto atira sobre o chão.

A velha se aproxima, contempla, e horrorisada
Recua dando um grito e d'outro lado cáe.

—Não fujas mãe! não temas! vinguei nossa desgraça,
Fiz hoje a mais brilhante, a mais soberba caça,
Trazendo a mão trahidora que assassinou meu pai!

NAPOLEÃO

Sobre uma ilha isolada
Por negros mares banhada
Vive uma sombra exilada
De prantos lavando o chão;
E esta sombra dolorida
No frio manto envolvida,
Repete com voz sumida:
—Eu inda sou Napoleão.

Tremem convulsas as plagas,
Bravias luctam as vagas,
Solta o vento horriveis pragas
Nos sendaes da escuridão ;
Mas nas torvas penedias
Entre fundas agonias,
Ella diz ás ventanias:
—Eu inda sou Napoleão.

—E serei! do céo da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da Historia
Meus feitos se apagarão ;
Passe a noite e as tempestades,
Venham remotas idades,
Cáhiam povos e cidades
—Sempre serei Napoleão.

Da collymna de Vendome,
O bronze, o tempo consome,
Porém não apaga o nome *
Que tem por bronze a amplidão.
Apezar de infausto dia,
Da infamia que tripudia,
Dos Bretões a covardia,
—Sempre serei Napoleão.

Nos vastos plainos do Egypto,
Sobre Titães de granito,
Eu tenho um poema escripto
Que deslumbra a solidão.
Das Isis rasguei os véos,
Entre os altares fui Deus,
Fiz povos escravos meus,
—Ah! inda sou Napoleão.

Desde onde o crescente brilha
Até onde o Senna trilha,
Tive o mundo por partilha,
Tive immensa adoração;
E de um throno de fulgores
Fiz dos grandes—servidores,
Fiz dos pequenos—senhores,
—E sempre fui Napoleão.

Quando eu cortava os desertos
Vinham-me os ventos incertos
De incenso e myrrha cobertos
Lamber-me as plantas no chão;
As caravanas paravam,
E os romeiros que passavam,
A's solidões perguntavam :
—E' este o deus Napoleão?

E lá nas plagas fagueiras,
Onde as brisas forasteiras,
Entre selvas de palmeiras
Corre o sagrado Jordão;
O lago dizia ao prado,
O prado ao monte ellegado,
O monte ao céo estrellado:
—Vistes passar Napoleão?

Dizei auras do Occidente,
Dizei tufão inda quente
Do baffejo incadescente
Do não vencido esquadrão,
Como é elle? é bello, ouzado?
Tem o rosto illuminado?
Tem o braço denodado?
Sempre é grande Napoleão?

E as aguias no céo corriam,
E os areaes se volviam,
E horrendas feras bramiam
No immenso da solidão;
Mas as vozes do deserto
Se erguiam como um concerto,
E vinham saudar-me perto :
—Tú és, senhor, Napoleão !

—Se sou! que Marengo o conte,
De Austerlitz o horisonte,
E aquella soberba ponte
Que transpuz como o tufão!
E a minha villa de Ajaccio,
E o meu sublime palacio,
E os pescadores de Lacio
Que só dizem—Napoleão!

Se o sou! que digam as plagas,
Onde do sangue nas vagas,
Coberta de enormes chagas
Dorme vil população;
Digam da Asia as bandeiras,
Digam longas cordilheiras,
Que se abattiam, rasteiras,
Ao corsel de Napoleão !

Se o sou! diga Santa Hellena
Onde a mais sublime scena
Fechou tranquilla e serena
Minha historia de Titão;
Digam as ondas bravias,
Digam torvas penedias,
Onde as rijas ventanias
Vem murmurar:—Napoleão.

E serei! do céo, da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da Historia
Meus feitos se apagarão!—
Assim na rocha isolada
Pelas espumas banhada
Disse a sombra desterrada
De prantos lavando o chão.

As nevoas rollam nos céos,
Da noite escura nos véos,
Soltam negros escarcéos
Rugidos de imprecação;
Mas das sombras a espessura,
A face da onda escura,
O salgueiro que murmura
Tudo falla—Napoleão!

INFANCIA E VELHICE

O lyrio é menos candido, a neve é menos pura
Que uma creança loira no berço adormecida;
Seus labios entre-abertos parece que respiram
Os languidos aromas e as auras de outra vida.

O anjo tutelar que o somno lhe protege
Não vê um ponto negro n'aquella alma divina;
Nunca sacode as azas para voltar ao céo,
E nem affasta ao vel-a a face peregrina.

No seio da creança não ha serpes occultas,
Nem perfido veneno, nem ferventes lumes;
Tudo é candura oh! Deus! su'alma inda innocente
E' como um vazo de oiro replecto de perfumes.

Cedo ella cresce e os vicios os passos lhe acompanham,
Seu anjo tutelar pranteia ou volta ao céo;
O calice doirado transborda de absinthio,
E a vida corre envolta n'um lutulento véo.

Depois ella envelhece, as illusões se esvaem,
A calma vem, e a chamma de seu viver se escôa;
A fronte pende em terra coberta de geadas,
E a mão rugosa e tremula levanta-se é abençoã.

O infante e o ancião são dois sagrados seres;
Um deixa ha pouco o céo, o outro ao céo se volta;
Um cerra as azas debeis e a divindade adora,
O outro adora a Deus e as azas niveas solta.

Do loiro chérubim na face rozea e bella
Ainda existe o traço do beijo dos anjinhos;
Na fronte alta e severa do ancião, scintilla
A chamma que do Emyreio aponta-lhe os caminhos.

Nos tempos de desgraça, quando o existir é trévas,
E a duvida se elleva do funebre ataude,
Nos olhos da creança creiamos na innocencia,
E nos cabellos brancos saudemos a virtude!

SONETO

Desponta a estrella d'alva, a noite morre,
Pulam no matto aligeros cantores,
E doce a brisa no arrayal das flores
Languidas queixas murmurando, corre.

Voluvel tribu a solidão percorre
Das borboletas de brilhantes cores;
Soluça o arroio; diz a rolla amores
Nas verdes balsas d'onde o orvalho escorre.

Tudo é luz e esplendor; tudo se esfuma
A's caricias d'aurora, ao céu risonho,
Ao floreo baffo que o sertão perfuma!

Porém minh'alma triste e sem um sonho
Repete olhando o prado, o rio a espuma:
—Oh! mundo encantador, tú és medonho!

ILLUSÃO

Sinistro como um funebre segredo
Passa o vento do Norte murmurando
 Nos densos pinheiraes;
A noite é fria e triste; solitario
Attravesso á cavallo a selva escura
 Entre sombras fatáes.

A' medida que avanço, os pensamentos
Borbulham-me no cerebro, ferventes,
 Como as ondas do mar;
E me arrastam comsigo, hallucinado,
A' casa da formosa creatura
 De meu doido scismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam
Rangendo sobre os quicios; os creados
 Acodem pressurosos;
Subo ligeiro a longa escadaria
Fazendo retinir minhas espóras
 Sobre os degráos lustruosos.

No seu vasto salão illuminado,
Suavemente repousando o seio
 Entre sedas e flores,
Toda de branco, engrinaldada a fronte,
Ella me espera, a linda soberana
 De meus santos amores.

Corro a seus braços tremulo, incendido
De febre e de paixão. A noite é negra,
 Ruge o vento no matto;
Os pinheiros se inclinam murmurando
—Onde váe este pobre cavalleiro
 Com seu sonho insensato?..

IDEAL

Não és tú quem eu amo não és!
Nem Thereza também, nem Cyprina;
Nem Mercedes a loira, nem mesmo
A travêssa e gentil Valentina.

Quem eu amo te digo, está longe;
Lá nas terras do imperio chinez,
N'um palacio de louça vermelha
Sobre um throno de azul japonez.

Tem a cutis mais fina e brilhante
Que as bandeijas de cobre luzido;
Uns olhinhos de amendoa, voltados,
Um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés. .oh! que pés, Santo Deus!
Mais mimosos que uns pés de creança,
Uma trança de sêda e tão longa
Que a barriga das pernas alcança.

Não és tú quem eu amo, nem Laura,
Nem Mercedes, nem Lucia já vês,
A mulher que minh'alma idolatra
E' princeza do imperio chinez.

DEIXA-ME !

Quando cansado da vigilia insana
Declino a fronte n'um dormir profundo,
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
Tremento em ancias de volupia infinda?
E as fórmãs núas, e offegante o seio,
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me fallas de venturas longas,
Porque me apontas um porvir de amores?
E o lume pedes á fogueira extincta,
Doces perfumes á pollutas flores?

Não basta ainda essa existencia escura,
Pagina treda que a teus pés compuz?
Nem essas fundas, perennaes angustias,
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes annos
Manchado e roto, abandonado ao pó?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio despresado e só?

Ah! não me lembres do passado ás scenas,
Nem essa jura desprendida a esmo!
Guardaste a tua? a quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te déra então,
Não apertastes no vazio seio
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doido que segui teus passos,
Que dei-te em versos da belleza a palma;
Mas tudo foi-se, e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranquillo,
Deixa-me agora dormitar em paz,
E com teus risos de infernal encanto,
Em meu retiro não me tentes mais!

A....

(IMITAÇÃO DE SPRONCEDA)

Foste n'aurora crystallino arroyo
Por entre flores deslizando á medo;
Depois torrente de fervente espuma
Rompendo os flancos de feral rochedo,
Por fim á noite lodaçal profundo
Cheio de lama e podridão no fundo!

20 de Outubro de 1904

-60-

Esquema Boite

100
Mapa da 20 de
Outubro de 1904

João Alves

O VIZIR

--Não derribes meus cedros! murmurava
O genio da floresta apparecendo
Adiante de um vizir, senão eu juro
Punir-te rijamente! E no entanto
O vizir derribou a santa selva!
Alguns annos depois foi condemnado
Ao cutelo do algoz. Quando encostava
A cabeça febril no duro cepo
Recuou atterrado;—eternos deuses!
Este cepo é de cedro! E sobre a terra
A cabeça rollou banhada em sangue!

João Alvarado
Sabara, 7 de Janeiro de
1905. Do Instituto
de 1907 de
7-1-07 João Alvarado
Fica, meu amigo do
coração,

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!

Do Instituto de 1907

Não te esqueças de mim, quando erradia
Perde-se a lua no sidéreo manto;
Quando a brisa estival roçar-te a fronte
Não te esqueças de mim que te amó tanto.

Não te esqueças de mim quando escutares
Gemer a rolla na floresta escura,
E a saudosa viola do tropeiro
Desfazer-se em gemido de tristeza.

Quando a flor do sertão, aberta á medo,
Pejar os ermos de suave encanto,
Lembra-te os dias que passei contigo,
Não te esqueças de mim que te amo tanto.

Não te esqueças de mim quando á tardinha
Se cobrirem de nevoa as serranias,
E na torre alvejante o sacro bronze
Docemente soar nas freguezias !

Quando de noite, nos serões de inverno,
A voz soltares modulando um canto,
Lembra-te os versos que inspiraste ao bardo,
Não te esqueças de mim que te amo tanto.

Não te esqueças de mim quando meus olhos,
Dõ sudario no gelo se apagarem,
Quando as roixas perpetuas do finado
Junto á cruz de meu leito se émballarem.

Quando os annos de dor passado houverem,
E o frio tempo consumir-te o pranto,
Guarda ainda uma idéa a teu poeta,
Não te esqueças de mim que te amo tanto.

Amor. Uma má
saber; Fede guerra
de 1908
Um amigo e
meu Sr

SONETO

Eu passava na vida errante e vago
Como o nauta perdido em noite escura,
Mas tú te ergueste peregrina e pura
Como o cysne inspirado em manso lago.

Beijava a onda n'um soluço mago
Das molles plamas a brilhante alvura,
E a voz ungida de eternal doçura
Rossava as nuvens em divino affago.

Vi-te; e nas chammas de fervor profundo
A teus pés affoguei a mocidade
Esquecido de mim, de Deus, do mundo!

Mas ai! cedo fugiste!. da soedade,
Hoje te imploro desse amor tão fundo
Uma idéa, uma queixa, uma saudade!

O VAGALUME

(CANTIGA)

Quem és tú pobre vivente
Que vagas triste e sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho ?

A noite é negra; raivosos
Os ventos correm do sul ;
Não temes que elles te apaguem
A tua lanterna azul ?

Quando tú passas o lago
De extranhos fogos explende,
Dobra-se a clicia amorosa,
E a fronte mimosa pende.

As folhas brilham, lustrosas
Como espelhos de esmeralda;
Fulge o iris nas torrentes
Da serrania na fralda.

O grilo salta das sarças;
Piam aves nos palmares;
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenufares.

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues,
Segue teus gyros, no espaço,
Mimosa gota de luz!

São ellas flores sem hastea;
Tú és estrella sem céo;
Procuram ellas as chammas;
Tú amas da sombra o véo!

Quem és tú pobre vivente
Que vagueias tão sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

paizão
paizão

Eramos juvenis
ardentes e sóis,
No lado p'ra do sul
Beast'os talas,
E as luzes a noite
Do mundo no surto
Cant'os angustias
De impud'ca paizão

ELEGIA

A noite era bella, —dormente no espaço
A lua soltava seus pallidos lumes,
Das flores fugindo, corria lasciva,
A brisa embebida de molles perfumes.

Do ermo os insectos zumbião na relva,
As plantas tremiam de orvalho banhadas,
E aos bandos voavam ligeiros phalemas
Nas folhas batendo co' as azas doiradas.

O turbido manto das nevoas errantes
Pairava indolente no topo da serra,
E aos astros, —e ás nuvens— perfumes, —sussurros,
Suspiros e cantos partiam da terra.

Nós eramos jovens,—ardentes e sós,
Ao lado um do outro no vasto salão,
E às brises e a noite nos vinhão no ouvido
Cantar os mysterios de infinda paixão!

Nós eramos jovens,—e a luz de seus olhos
Brilhava incendiada de eternos desejos,
E a sombra indiscreta do niveo corpinho
Sulcavam-lhe os seios em brandos arquejos!

Nós eramos jovens,—e as balsas floridas
O espaço inundavam—de quentes perfumes,
E o vento chorava nas tiliás do parque,
E a lua soltava seus tepidos lumes!.

Ah! misero aquelle que as sendas do mundo
Trilhou sem o aroma de pallida flor,
E a tuniba declina, n'aurora dos sonhos
O labio inda virgem dos beijos de amor!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas jôrnadas que os annos apontam;
O tempo descora nos risos e prantos,
-E os dias do homem por gozos se contão.

Assim nessa noite de mudas venturas,
De louros eternos minh'alma enastrei,
Que importa-me agora martyrios e dores
Se outr'ora dos sonhos a taça esgotei?

Ah! lembra-me ainda! —nem um candelabro
Lançava o recincho seu brando clarão,
Apenas os raios da pallida lua
Transpondo as janellas batiam no chão.

Vestida de branco,—nas scismas perdida,
Seu morbido rosto pousava em meu seio,
E o aroma celeste das negras madeixas
Minh'alma inundava de fêrvido aneio.

Nem uma palavra seus labios queridos
Nos doces espasmos diziam-me então,
Que valem palavras quando ouve-se o peito
E as vidas se fundem no ardor da paixão?

Oh! Céos! erão mundos... ai! mais do que mundos
Que a mente invadião, de ethereo fulgor!
Poemas divinos,—por Deus inspirados
E á furto contados em beijos de amor!

No fim do seu gyro, da noite a princeza,
Deixou-nos unidos em brando sonhar
Correrão as horas,—e a luz d'alvorada
Em juras infindas nos veio encontrar!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas jornadas que os annos apontam,
O tempo descora nos risos e prantos,
E os dias do homem por dores se contam!

Ligeiro, essa noite de infindas venturas
Sómente, em minh'alma, lembranças deixou.
Tres mezes passaram, e o sino do templo
A' resa dos mortos os homens chamou!

Tres mezes passaram,—e um livido corpo,
Jazia dos cyrios á luz funeral,
E á sombra dos myrtos, o rude coveiro
Abria cantando seu leito final!

Nós eramos jovens, e a senda terrestre,
Trilhavamos juntos, de amor á sorrir,
E as flores, e os ventos nos vinhão no ouvido
Contar os arcanos de um longo porvir!

Nós eramos jovens, e as vidas, e os seios,
O affecto prendêra n'um candido nó!
Foi ella a primeira que o laço quebrando
Cahio soluçando das campas no pó!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas jornadas que os annos apontam,
O tempo descora nos risos e prantos
E os dias do homem por dores se contam!

.. .1861.

TRISTESA

Eu amo a noite com seu manto escuro,
De tristes goivos coroadas a fronte,
Amo a neblina, que pairando, ondêa
Sobre o fastigio de elevado monte.

Amo nas plantas, que na tumba crescem,
De errante brisa o funeral cicío :
Porque minh'alma, como a sombra, é triste,
Porque meu seio é de illusões vasio.

Amo as deshoras sob um céu de chumbo,
No cemiterio de sombria serra
O fogo fatuo que o tremer doudeja
Das sepulturas na revolta terra ;

Amo ao silencio do hervaçal partido
De ave nocturna o funerario pio,
Porque minh'alma, como a noite, é triste
Porque meu seio é de illusões vasio.

Amo ao templo, nas soberbas naves,
De tristes spsalmos o troar profundo;
Amo a torrente que na rocha espuma,
E váe do abysmo repousar no fundo.

Amo a tormenta, o perpassar dos ventos,
A voz da morte no fatal parcel;
Porque minh'alma só traduz tristesa,
Porque meu seio se abrevou de fel.

Amo o corisco que deixando a nuvem
O cedro parte da montanha, erguido,
Amo do sino, que por morto sôa,
O triste dobre n'amplidão perdido.

Amo na vida de miseria e lodo,
Das desventuras o maldicto sêllo;
Porque minh'alma se manchou de escarneos,
Porque meu seio se cobrio de gélo.

Amo o furor do vendaval que ruge,
Das azas negras sacudindo o estrago;
Amo as metralhas, o bulcão de fumo,
De corvo as tribus em sangrento lago.

Amo do nauta o doloroso grito
Em fragil prancha sobre mar de horrores,
Porque meu seio se tornou de pedra,
Porque min'halma descorou de dores.

O céo de anil, a viração fagueira,
O lago azul que os passarinhos beijam;
A pobre choça do pastor no valle;
Chorasas flores que ao sertão vicejam;

A paz, o amor, a quietação e o riso
A' meus olhares não tem mais encanto
Porque minh'alma se despio de crenças,
E do sarcasmo se embuçou no manto.

.1861.



Empyrea flor
* * *
na

Porque te affogas, oh! irmã dos anjos
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas fôrmas do cinzel de Deus
Manchas do vicio no recincho escuro?

Empyrea flor, ao perpassar dos ventos,
Porque te banhas em paués medonhos,
Quando existencias de teus labios brotam,
Quando teus olhos realizam sonhos?

E' tempo ainda; nos salões da vida
Rasga essas sêdas que predizem prantos,
E a nova aurora, que te aguarda, eleva
Como a florinha os divinaes encantos.

E' tempo ainda; a viração sussurra,
Ergue-se a terra em maravilhas mil.
Vem minha fada, abandonemos juntos
Nosso barquinho pelo mar de anil.

Oh vem! minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
Então verás de teu viver, mulher,
As nuvens negras se affastar do céo.

Vem! que me importá o murmurar das turbas,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo a teus sorrisos, fada,
Verei de novo rebentar um mundo?

Vem! tú serás minha Atalá formosa,
Por quem na terra viverei de amores:
Teu meigo somno velarei cantando,
Teu brando leito juncarei de flores.

Triste é o drama deste mundo ingrato,
Gelado e tredo o bafejar da morte,
Mas ha na vida uma estação mais negra,
Mais rija e fria que o soprar do norte.

Quando a velhice que apressada marcha
Vier cobrar-te seu pesadô imposto,
E ao toque impuro dé nojentos labios
Sem dó manchar-te a setinez do rosto;

Quando essa fronte crystallino lago
Que de tu'alma reverbera o céo.
Crestar-se-aos poucos, se cobrir de rugas,
E dos invernos se enluctar no véo;

Quando as madeixas se fizerem brancas,
Seccas, despidas de subtis perfumes,
E os olhos negros se tornarem, tristes,
Em mortas brazas de passados lumes ;

Que dôr pungente sentirás no seio!
Que philtro amargo tragarás, mulher!
Tú, que da vida en'ameaste a senda
Sem te lembrares de porvir si quer!

Rainha, em terra vê partido o sceptro,
O throno de ouro reduzido á pó!
E a após uma éra de opulencia e mando
Vér-se na vida despresada, e só!

Vem!. uma aurora surgirá de novo ;
Inda tem raios o teu sól futuro. .
Não mais te affogues, oh! irmã dos anjos
Nas ondas negras de um viver impuro!

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
O dubio riso, o escarnecer das gentes. .
Se as aguas santas de um baptismo pedes,
Eu de meus olhos verterei torrentes.

E' tempo ainda ; a viração sussurra,
Ergue-se a terra transbordando em flores,
Vem, minha vida, na soidão ergamos
Nossa cabana sob um céu de amores

ECHOS DO CARCERE

Era uma noite placida de estio,
O vento brando perpassava apenas
Sobre a face dos mares que dormiam
Aos olhares da lua enamorada.

Mas do seio das ondas somnolentas
Do pégo escuro no mais fundo ponto
Uma voz levantou-se immensa e vaga
Semelhante ao suspiro entristecido,
Do genio dos abysmos, e de longe
Uma outra voz ergueu-se atroadora
Até perder-se no horisonte infindo.
E esta fallava assim, lenta e solemne:

—Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!.
Ah! porque te adorei; oh minha patria,
Porque sonhei-te grande, amei-te bella,
E votei-te o porvir, o sangue e a vida
Teus tyrannos pizaram-me cruentos
E me lançaram nos recinθος humidos
Dos calabouços onde o sól não entra!

Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!

Sim, ella é livre, ella é mais livre ainda
No seio das prisões, onde desdenha
Servos infames de ambição nojenta,
Tristes escravos de um terror infame!
Onde está seu poder!—em parte alguma;
Hoje um pouco de carne e de miseria,
Um punhado de cinza á madrugada!

Oh! meu amor! a escravidão e as dores
Pódem prender meu pensamento eterno?
Pódem vedar-me que transpondo os muros
O espirito immortal paire sorrindo
Entre vós, meus irmãos? Minha existencia
Não é vossa existencia e vosso fado?

Quando soffreis, o dissabor partilho,
Quando luctaes, eu surjo a vosso lado.
Um sopro ethereo, divinal, sagrado,
Um halito de Deus, entre nós passa
E nossas almas n'uma só confunde.
Oh! cortem-lhe a passagem se puderem!
Captivem-no, insensatos!.

Cobriram de grilhões meu pobre corpo
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!

Houve um momento de silencio. A noite
Proseguia em seu gyro, pensativa
Molhando no sereno as plantas nuas.
A voz continuou: pausada e doce.

—Como tudo repousa! é mudo o valle,
A natureza calma e adormecida
No seu leito de perolas e flores
Mas que sussurro sobre-humano é este
Que de minh'alma retumbou no fundo?
Será de um'arpa divinal a nota,
Ou das azas de um genio a tenue aragem?..

Em quanto a selva, o monte, o rio e as plagas
Povoam-se de sonhos, que palpitam e
De um molle somno aos sensuaes abraços,
Voltam-me á mente idéas de outras éras,
Gratas lembranças de passados tempos.

Como era bello o sól e a terra lucida!
Como era santo e puro o doce jubilo
Da creança vivaz correndo os prados,
Ora nas veigas se perdendo em risos,
Ora saudando o bando de andorinhas
Que voavam n'um céu azul sem manchas
Como á flor d'alma um turbilhão de sonhos!

Nem um desgosto no passado havia,
Nem uma sombra no futuro ao menos!
Sempre noites de mél, dias de rozas,
Sendas juncadas de doirada areia!

Oh! minha pobre irmã! lembra-te ainda
Desses passeios ao romper d'aurora
Pelas campinas humidas de orvalho?
De nossos brincos nos pomares providos,¹
E desses ninhos de innocentes aves
Que me pedias á tremer, deixasse
Sob as azas maternas? Não te lembras
Desse regato transparente e bello
Onde afundava teus pésinhos niveos?
E a choça, o lar tranquillo, os jasmineiros
Pendidos á janella, o cão á porta
As pombas arrulando no telhado?

Ai! os annos passaram como as nuvens,
E o espirito agitado entre os prazeres
E o triste nuncio de ignotas dores,
Se erguia pouco á pouco á um mundo novo;
E via áquelle desfazer-se em cinzas!

Depois dos cantos festivaes d'aurora,
Da juventude as esperanças aureas,
Os deveres do homem succederam,
E o combate gigante onde se vence
Tombando sobre o solo, e se revive
Expirando no sangue dos guerreiros!.

Oh! sim, cahiram, mas cahiram santos,
Aquelles que mil ballas receberam,
Ou torceram-se em terra atravessados
Pela espada trahidora dos covardes!

Cahiram! mas venceram tambem esses
Que exhaustos, frios murmuravam inda
Da patria o doce nome, ou succubiram
A' dor insana de infernaes supplicios
Sobre a misera palha dos ergastulos!

Phalange heroica e brava, ah! eu a vejo
Sempre junto de mim, ouço seus cantos
Lançando aos orbes que no espaço rollam
A epopéa soberba do futuro!

Um raio ardente parte-lhe da essencia,
E innunda o seio das nações e povos;
Palpitam corações mais apressados,
Brotam idéas, as esphas tremem,
E um brado immenso faz-se ouvir ao longe:
—Váe ter lugar uma justiça infinda!
Não sentistes roçar por vossas fibras
O halito de Deos!.

Formosa e candida
A aurora despontava no horisonte
Coroadada de luz; a voz callou-se
Depois bradou de novo altiva e fórte:

—Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céo e os mares!

O EXILADO

O exilado está só por toda a parte !

Passei tristonho dos salões no meio
Atravessei as turbulentas praças
Curvado ao peso de uma sina escura ;
As turbas contemplaram-me sorrindo,
Mas ninguem divisou a dôr sem termos
Que as fibras de meu peito espedaçava.
O exilado está só por toda a parte !

Quando á tardinha, dos floridos valles
Eu via o fumo se elevar tardio
Por entre o colmo de tranquillo albergue,
Murmurava a chorar:—feliz aquelle
Que á luz amiga do fogão domestico
Rodeado dos seus, á noite senta-se.
O exilado está só por toda a parte!

Onde vão estes flocos de neblina
Que o euro arrasta nas geladas azas?
Onde vão essas tribus forasteiras
Que á tempestade se esquivar procuram?
Ah! que me importa! . . . tambem eu doudejo,
E onde irei, Deus o sabe, Deus sómente.
O exilado está só por toda a parte!

Desta campina as arvores são bellas,
São bellas estas flores que se vergam
Das auras estivaes ao debil sopro;
Mas nem a sombra que no chão se alonga,
Nem o perfume que o ambiente innunda,
São dessa gleba divinal que adoro.
O exilado está só por toda a parte!

Molle e lascivo no tapiz da selva
Serpêa o arroio, e o deslizar queixoso
Peja de amor as solidões dormentes;
Mas nunca o rosto reflectio-me um dia
Nem foi seu borborinho enlanguecido
Que emballou minha infancia descuidosa.
O exilado está só por toda a parte!

--Porque choraes? me perguntou o mundo,
Contae-nos vossa dor talvez possamos
Sanal-a ás gotas de elixir suave;
Mas quando eu suspendi a lousa escura
Que o tumulo cobria-me da vida,
Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo.
O exilado está só por toda a parte!

Vi o ancião da prole rodeado
Sorrir-se calmo e bemdizer a Deus,
Vi junto á porta da nativa choça
As creanças beijarem-se abraçadas;
Mas de filho ou de irmão o santo nome
Ninguem me deu, e eu fui passando triste.
O exilado está só por toda a parte!

Quando verei essas montanhas altas
Que o sól doirava nas manhãs de Agosto?
Quando junto á lareira, as folhas lividas
Deslembrarei de meu sombrio drama?
Doida esperança! as estações succedem
E sem um goso vou descendo á campa.
O exilado está só por toda a parte!

Brandas aragens que roçaes fagueiras
Das maravilhas nas cheirosas frontes,
Aves sem patria que cortaes os áres
Irmãos na sórte do infeliz romeiro,
Ah! levae um suspiro á patria amada,
Ultimo alento de cançado peito.
O exilado está só por toda a parte!

Quando nas folhas de lustrosos platanos,
Novos luares descançarem gratos
Já sobre a estrada de meus pés os traços
O pegureiro não verá, que passa!
Misero! ao leito de final descanço
Ninguém meu somno velará chorando.
O exilado está só por toda a parte!

AURORA

Antes de erguer-se de seu leito de oiro
O rei dos astros o Oriente innunda
 De sublime clarão;
Antes de as azas desprender no espaço,
A tempestade agita-se e fustiga
 O turbilhão dos euros.

As torrentes de idéas que se crusam,
O pensamento eterno que se move
 No levante da vida,
São auras santas, arrebóes esplendidos,
Que precedem á vida triumphante
 De um sól immorredouro.

O murmurar profundo, enrouquecido,
Que do seio dos povos se levanta,
 Annuncia a tormenta;
Essa tormenta salutar e grande
Que o manto roçará, preenhe de fogo,
 Na face das nações.

Preparai-vos oh! turba! Preparai-vos,
Rebatei vossos ferros e cadêas,
 Algozes e tyrannos!
A hora se aproxima pouco á pouco,
E o dedo do Senhor já volve a folha
 Do livro do destino!

Grande ha de ser o drama, a acção gigante,
Magestosa a lição! Luzes e trévas
 Luctarão sobre os orbes!
O abysmo soltará seus tredos roncós,
E o fremito dos mares agitados
 Se unirá aos das turbas.

Os reis convulsarão nos thronos frageis
Buscando embalde sustentar nas fronteas
 As humidas corôas. . .
Debalde!. . . o vendaval na furia insana
O levará com ellas, envolvidos
 N'um turbilhão de pó!

Vis, abattidos, o fidalgo e o rico
Sahirão de seus paços vacillantes
 Nos podres alicerces;
E errantes sobre a terra irão chorando
Mendigar um farrapo ao vagabundo,
 E um 'pedaço de pão!

Extranho povo surgirá da sombra
Terrível e feroz cobrindo os campos
De cruentos horrores!
O palacio e a prisão, irão por terra,
E um segundo diluvio, então de sangue
O mundo lavarás!

O sabio em seu retiro, estupefacto,
Verá tombar a imagem da sciencia,
Fria estatua de argila,
E um pallido clarão dirá que é perto
O astro divinal que ás turbas miserias
Conduz a redempção!

Como aos dias primeiros do universo
O globo se erguerá banhado em luzes,
Reflexos de Deus;
E a raça humana sob um céu mais puro
Um hymno insigne enviará, prostrada
Aos pés do Omnipotente!

Irmãos todos serão; todos felizes;
Iguaes e bellos, sem senhor nem péas,
Nem tyrannos e ferros!
O amor os unirá n'um laço estreito,
E o transito da vida uma romagem
Se tornará, celeste!

A hora se aproxima pouco á pouco;
O dedo do Senhor já volve a folha
Do livro do destino!
E gue-se a tela do theatro immenso,
E o mysterio infinito se desvenda,
Do drama do Calvario!

AS SELVAS

Selvas do Novo Mundo, amplos zimborios,
Mares de sombra e ondas de verdura,
Povo de Atlantas soberano e mudo
Em cujos mantos o tufão murmura.

Salve! minh'alma vos procura embalde;
Embalde triste vos estende os braços;
Cercam-me o corpo rebatidos muros,
Prendem-me as plantas enredados laços !.

Patria da liberdade! antros profundos;
Vastos palacios; eternaes castellos,
Mandai-me os genios das sombrias grutas
De meus grilhões espedaçar os elos!.

Ah! que eu não possa me esquivar dos homens,
Matar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me arrojar cantando
Nas seccas folhas do sertão sem nome!

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu crancô encerra;
Gastar os dias entre o espaço e Deus
Nas mattas virgens da Columbia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ah! sou pobre, pequenino e debil
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Que faço triste no rumor das praças?
Que busco pasmo nos salões dourados?
Verme do lodo me despreção todos,
O pobre, e os grandes de esplendor cercados!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dores,
E á magoa insana que me enlucta as noites,
Declino á campa na estação das flores.

E ha tanto encanto nas florestas virgens;
Tanta belleza do sertão na sombra;
Tanta harmonia no correr do rio;
Tanta delicia na campestre alfombra;

À LUCILIA

Si eu pudesse ao luar, Lucilia bella
Queimar-te a fronte de insensatos beijos,
Dobrar-te ao collo, minha flôr singela;
Ao fogo insano de eternaes desejos;

Ai! si eu pudesse de minh'alma aos elos,
Prender tu'alma enebrecida e cálida
Erguer na vida os festivaes castellos
Que tantas noites planejaste, pallida;

3

A! si eu pudesse nos teus olhos turvos
Beber a vida da volupia ao véo,
Bem como os juncos sobre as ondas curvos
A chuva bebem que derrama o céo;

4

Talvez que as magoas que meu peito rallam
Em cinzas frias se perdessem logo
Como as violas que ao verão trescalam
Somem-se aos raios de celeste fogo!

5

Oh! vem Lucilia! é tão formosa a aurora
Quando uma fada lhe baptisa o albor,
É a madre-silva que ao frescor vapóra
Os áres peja de lascivo amor.

6

Sou moço ainda; de meu seio aos ermos
Posso-te louco arrebatat comigo;
De um mundo novo na soidão sem termos
Deitar-te á sombra de amoroso abrigo!

7

Tenho um diluvio de illusões na fronte;
Um mundo inteiro de esperanças n'alma,
Ergue-te ácima de azulado monte,
Terás dos genios do infinito a palma!.

RECITATIVO

Si eu te dicesse Magdalena pallida
Fundo mysterio que meu peito occulta,
Si eu te dicesse que amargura estollida
Em mar de prantes meu viver sepulta;

Si eu te contasse que tristezas funebres
Meu seio rasgam por febrentas horas,
Que chammas vivas, que delirios lugubres
Cercam-me o leito de infantis auroras;

Ah! tú que aos males desconheces perfida
O saibro impuro, o lacerante aneio,
Erguendo os olhos sobre o véo da duvida
Talvez disseras á sorrir;—não creio!

E no entanto quantas horas pávido
Passei fitando teu divino rosto!
Que longas noites ao deixar-te, tremulo,
Torci-me em crises de infernal desgosto!

Ah! tibia estatua, na friez do marmor
Siquer um bróto de paixão se occulta!
A vida esvae-se de meu peito debil
E junto á campã mais a dor se avulta.

Dize impiedosa, que rigor satânico
Fez de minh'alma o pedestal da tua,
E a teus olhares me encadêa fatuo
Bem como o lago reflectindo a lua!.

Si, o peito oppresso, a teus joelhos, livido,
Gemesse—eu te amo em derradeiro aneio
Sei que mostravas-me um sorriso ironico
Sei que disseras a sorrir:—não creio.

CHILDE-HAROLD

(SOBRE UMA PAGINA DE BYRON)

Não te rias assim, oh! não te rias,
Basta de sonhos de illusões fataes!
Minh'alma é nua, e do porvir ás luzes
Meus roixos labios sorrirão jámais!

Que pezar me consome? ah! não procures
Erguer a lousa de um pezar profundo,
Nem apalpaes a materia livida
E a lama impura que pernoita ao fundo!

Não são as flores da ambição pisadas,
Não é a estrella de um porvir perdida
Que esta cabeça corôou de sombras
E a tumba inclina ao despontar da vida!

E' este enojo perenal, continuo,
Que em toda a parte me acompanha os passos,
E ao dia incende-me as arterias quentes,
Me aperta á noite nos mirrados braços!

São estas larvas de martyrio e dores
Socias constantes do judeo maldicto,
Em cuja testa, dos tufões crestada
Labéo de fogo scintillava escripto!

Quem de si mesmo desterrar-se póde?
Quem póde a idéa aniquillar que o mata?
Quem póde altivo esmigalhar o espelho
Que a torva imagem de Satan retracta?

Quantos encontram inafaveis gozos
Nesses prazeres para, mim tormentos!
Quantos nos mares onde a morte enchergero
Abrem as velas do baixel aos ventos!

O meu destino é vaguear e sempre!
Sempre fugindo funeral lembrança,
Ferreo estilete que me rasga os musculos,
Voz dos abysmos que me brada:—avança!

Que pezar me consome? ai! não mais tentes
Espera a louza de um pezar profundo,
Sómente a morte encontrarás nas bordas,
E o inferno inteiro a praguejar no fundo!

CANTIGA

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela ao entráres no porto
Aonde o gigante está!

Elle dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá,
Basta um baffejo um sussurro
Que o gigante acordará!

Viste as montanhas e os valles
D'aquellas terras de lá,
Talvez as veigas da Italia
E as rozas de Bagdad.

**Mas uma plaga como esta
Nunca enchergaste quiçá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá!**

**Contempla os indios valentes
Das florestas do Pará,
Escuta os sons das cascatas
E os cantos do sabiá.**

**Curva-te ao guarda soberbo
Que junto da barra está,
Mede as vagas do Amazonas
E os campos do Paraná.**

**Colhe do rio nas margens
As brancas flores do ingá,
Dorme á sombra magestosa
Do excelso jequitibá.**

**Volta depois a teus lares,
Conta o que viste por cá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá!**

**Mas olha que junto ao porto
Soberbo gigante está,
Elle dorme, dorme, dorme
Mas nem sempre dormirá!**

O SABIÁ

(CANSONETA)

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada,
Desabrocha a linda roza
Donairoza,
Sobre a campina orvalhada.

Manso ó regato murmura
Na verdura
Descrevendo gyros mil,
Some-se a estrella brilhante,
Vacillante
No horisonte côr de anil.

Ergue-te oh! meu passarinho
De teu ninho
Vem gozar da madrugada,
Modula teu terno canto,
Doce encanto
De minh'alma amargurada.

Vem junto á minha janella,
Sobre a bella
Verdejante laranjeira
Beber o efflúvio das flores
Teus amores
Nas azas de aura fagueira.

Desprende a voz adorada,
Namorada
Poeta da solidão,
Ah! vem lançar com encanto
Mais um canto
No livro da criação.

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso
Já desponta a madrugada
Deixa teu ninho altaneiro,
Vem ligeiro
Saudar a luz d'alvorada.

HARMONIA

.. ..
CÔmo o barqueiro que ao luar do outono
A' mercê da corrente o lenho entrega
Todo embebido a contemplar o céo,
Como a creança que nas veigas providas
Esquece a choça paternal correndo
A gyro incerto da phalema doida,
Ella seguia o pensamento mystico
Que agitava-lhe o espirito, e perdia-se
Sobre as ondas de um rio harmonioso
Deixando a praia e namorando os astros!

Que esplendor a cercava! Que perfumes
Ondeavam no tepido recincho
Onde o cantar plangente se estendia
Deixando um rasto de abrasadas notas!
Que sentimentos rehentavam n'alma
A' vibração dorida desses threnos!
Ah! cada nota tem no seio humano,
Uma nota que dorme, irmã chorosa,
Que acorda e vibra ao fraternal suspiro.
Seja nas noites de tormenta e sombras
A nenia da avesita abandonada
No fundo das florestas, seja o grito
De convulsa alegria que resvala
De um arco enfebrecido, seja a dulia
Da creança que morre, inda sorrindo
Aos rosados phantasmas da existencia,
Quem é que d'alma no sacrario immenso
Não tem um pranto que offertar-lhe, um ramo
Das saudosas lembranças do passado
Uma queixa tambem, embora cerquem-lhe
Da vida os esplendores e prazeres?

..
Mas a tarde expirava; á luz tranquilla
Da sombra o espectro succedia aos poucos
Estendendo terror com as azas largas.
Da nevoa aos mantos o trahidor disfarça-se..
Negro combate entre o demonio e o homem .
Trava-se horrendo. o pensamento escalda!
Avante Iago! Cassio tomba e morre!
Que sons são estes?. é do vento a queixa,
Ou a cantiga do pastor nos valles? .
Não ha martyrio que ao martyrio iguale
De uma lembrança perfumada e pura
Nos dias luctulentos da desgraça! *

.....
Quando porém a devorante chamma
Pela terceira vez passou queimando ..

A fibra delicada, e já sem forças
Ella cerrou no peito a harpa dorida,
A pobre moça pressentio que o genio
Pedia notas que não ha na terra!
N'um turbilhão de férvida harmonia
Perdida, arrebatada, o olhar febreiro
Annos de vida arremessava ao nada!
Oh! Deus! findar-se assim tão bella e joven!
Porém tudo cessou, terror, encantos,
Tudo fundio-se em lagrymas de fogo!

Chora oh! filha de Deus! chora creança!
Deixa em teus olhos de doçura angelica
Rollar as gotas tremulas de pranto
Como as estrellas que brilhando fogem!
Quanto infeliz que torce-se de angustias,
Ou entre os ferros da prisão delira
Pediria por premio de seus males
Uma lagryma só desses teus olhos!

Quem uma vez no decorrer da vida
Não sentio esse encanto irresistivel
Que impelle o coração, prende-o nos laços
De um mysterio indivisivel e celeste,
E o faz curvar-se n'um enleio ethereo
Como ao fresco da noite as rozas humidas?
Filha da dor, oh! languida harmonia!
Lingoa do genio, da paixão sem péas
Amplio caminho entre Satan e Deus!
Ah! quem póde saber a historia eterna
Que um'alma ardente em teus suspiros ouve?...
Percebe-se um olhar, um movimento,
Uma lagryma rapida e sentida,
E' fundo arcano o resto, e tão vendado
Como o da morte, d'amplidão, do tempo!

Ah! se eu pudesse levantar o véo

Que de teu seio escurecia o fundo,
E atravez desses vívidos diamantes
Que molhavam-te o rosto como á aurora
Na pallida camelia o orvalho frio,
Descobrir esses paramos sublimes
Mundos de maravilha, onde a harmonia
Arrojou-a sorrindo, como as vagas
O nauta exausto n'um imperio esplendido!

Ó canto proseguia ousado e fórte
Pleno das pompas festivaes do estio,
Era depois da tempestade, a aurora
Cobrindo o globo de fulgor e glorias;
O rouxinol curvado e entristecido
Ergueu-se vivo e sacudindo as plumas
Molhadas pela chuva, a voz desprende
E a terra innunda de sonoros quebros!

Minh'alma debatia-se, arrastada
Entre a morte e a vida, a dor e o gozo!
Todos os sonhos e illusões da infancia
Passaram-me na mente! e eu via o mundo
Erguer-se como outr'ora, os campos verdes,
As serras azuladas, o barqueiro
Cantando á beira d'agua, e a folha prima
De minha historia se ostentava brilhante
No portico da vida! Após no espaço
Vi passar uma nuvem pardacenta
E o sól escurecer no throno excelso:
Depois surgio mais resplendente e bello,
E sobre um prado de eternal frescura,
A margem de um ribeiro circulado
De tenues myosotis, levantou-se
Uma linda mulher que me sorria!

Tudo passou-se n'um minuto. Ó canto
Tinha cessado. No salão deserto

**Ardia um cyrio apenas, e formosa
Coroada de amor e de promessas
Ella fitava-me um olhar sem fundo!
Doido, abrasado o coração e a mente
Arrojei-me a seus pés!**

**A amendoeira
Pejava o ár de effluvios odorantes,
O vinho da volupia fermentava
Nas entranhas do globo!**

ESTANCIAS

Quando á tardinha rumorejam brisas
Roubando o aroma das agrestes flores,
E doce e grave, nas viçosas mattas,
Mais triste canto o sabiá desata,
Eu lembro-me de ti!

Eu lembro-me de ti, porque tu'alma
E' o sól de minh'alma e de meu genio;
E neste exilio que infernal me cerca,
Misera planta desfalleço e morro
Ao frio toque de hibernal geada!

Quando das franjas do Occidente rózeo,
Um raio ainda me clareia o carcere,
E um tom suave de tristeza e luzes
Mistura o dia á pallidez da noite,
Eu lembro-me de ti!

— —

Eu lembro-me de ti, porque teu seio
Guarda um thesouro de piedade santa,
E nesse instante que o pezar duplica
Faltam-me as vozes de teus labios meigos
E o doce orvalho de amorosos olhos!

— —

Quando nas bordas de meu leito escuro
Fataes espectros de pavor, se crusam,
E exausto, e livido, eu procuro embalde
O grato somno que meus olhos deixa,
Eu lembro-me de ti!

— —

Eu lembro-me de ti, porque saudosa
Sonho-te a imagem soluçando ao longe,
E a fronte curva, e humedecidas palpebras,
Meu nome dizes ao tufão que passa,
A' brisa doida que te morde as tranças!

— —

Quando meu corpo se debate em febre;
E a lava ardente nas arterias corre;
Quando cruenta, de funereos risos,
Pressinto a morte levantar-se perto
Eu lembro-me de ti!

Eu lembro-me de ti que és minha vida,
Ultimo alivio neste mundo insano,
Anjo da guarda que á minh'alma afflicta
Pudera as trévas espancar co' as azas,
Lavar-lhe as manchas n'um Jordão de lagrymas!

—

Ai! tudo os homens entre nós quebraram,
A paz, o riso, as esperanças aureas;
Mas de teu peito me arrancar não pódem,
Nem a minh'alma desprender da tua!.
Eu lembro-me de ti!.

—

O MAR

Sacode as vagas de teu dorso immenso
Oh! profundo oceano! Ergue-as altivas
Com seus phrigios barretes! Em vão tentam
Luctar contigo temerarias frotas,
Traçar-te raias a vaidade humana!
Tú és eterno e vasto como o espaço,
Livre como a vontade Omnipotente.

Regio manto do globo! povo infindo
De soberbos Titães! genio da força,
Sálve tres vezes!. Das espaduas amplas
Derribas todo o jugo que te opprime,
Traças gigantes de carvalho e cedro,
E a frente erguendo magestosa e bella

Diademas de perolas atiras
As estrellas do céo, e ao mundo cospes
A férvida saliva em desafio !

Quantos imperios celebrados, fórtes
Não floresceram de teu throno ás bazes
Sublime potestade! e onde estam elles?
O que é feito de Roma, Assyria e Grecia,
Carthago a valerosa? As vagas tuas
Lambiam-lhes os muros, quer nos tempos
De paz e de bonança, quer na quadra
Em que chuvas de settas se crusavam
A' face torva das hostis phalanges !
Tudo esbroou-se, se desfez em cinzas,
Sumio-se como os traços que o romeiro
Deixa da Nubia na revolta areia !
Só tú, oh! mar, sem termos, immutavel
— Como o quadrante lugubre do tempo,
Ruges, palpitas sem grilhões nem péas !

Nunca na face desse azul sombrio,
Onde tranquillias, ao chorar das brisas,
Poesias do céo, flores do ether,
As estrellas se miram namoradas,
Nunca o fogo, e a lava, a guerra e a morte,
A armada dos tyrannos ha deixado
Um vestigio sequer de seus destroços!
Tal como á tarde do primeiro dia
Que ao orbe clareou, hoje te ostentas
Na tua magestade horrenda e bella !

Espelho glorioso onde entre fogos
Se mostra Omnipotente, nas tormentas
A face do Senhor! Monstro sublime
Cujas garras de ferro o globo abraçam
Até que um dia, quem o sabe, exausto
Lance o ultimo alento! ah! no teu seio

Talvez tremendo espirito se agile,
Mixto sombrio de paixões sem freios,
Cuja expressão vislumbra-te no rosto,
Ora hediondo de compressos musculos,
Ora suave como o loiro infante
Sobre o seio materno, ora cruento
Gotejando suor, escuma e raiva!

Niobe eterna! de teu ventre tumido
Os monstros dos abysmos rebentaram
Em cujo dorso de argentadas conchas
Os raios das estrellas resvalavam;
De teu lodo fecundo, inextinguivel,
Brotaram continentes cujas grimpas
Iam bater n'abobada cerulea;
Teus paços de coral e de esmeraldas
Encerravam princezas vaporosas,
Loiras ondinas, encantados genios
Soberbas divindades! Entretanto
Viste tudo cahir! riscada a Atlantida
Da face do universo, os bronzeos deuses
Desterrados p'ra sempre, e só restou-te
Uma voz gemedora que chorava:
—Já não vive o Deus Pan! oh! Pan é morto!

Oceano sem fundo! vagas tumidas
Abysmo. de mysterio, ah! desde a infancia,
Preso na teia de atração divina
Eu vos busquei sedento! sobre as praias
Curvas como os alfanges dos eunucos,
Eu me perdia nos doirados dias
Da santa primavera, ouvindo os brados
Dos marinhos corseis, molhando as plantas
Na gaza salitrosa que envolvia
A areia scintillante! após mais tarde
Sentáva-me no cimo dos rochedos,
Suspirando de amor aos verdes olhos,

Aos molles braços que do salso leito
Erguiam-se tão meigos e adorados!.

Amo-te ainda oh! mar! amo-te muito,
Mas não tranquillo humidecendo á prôa
Da gondola lasciva, nem chorando
A's caricias da lua! Amo-te horrivel,
Arrogante e soberbo, repellindo
Os furacões que rossam-te nas crinas,
Quebrando a aza de fogo que das nuvens
Procura te domar, batendó-a terra
Com teus flancos robustos, levantando,
Triumphante e feroz no tredo espaço
A cabeça vendada de ardentias!

Amo-te assim, oh! mar, porque minh'alma
Vê-te immenso e potente, desdenhoso
Rindo ás chimeras da cubiça humana!
Amo-te assim! ditoso no teu seio
Zombo do mundo que meu ser esmaga
Sou livre como as vagas que me cercam
E só á tempestade e a Deus respeito.

Salve Oceano omnipotente e eterno!
Santo espelho de Deus, tres vezes salve.

ORIENTAL

Virgem! minh'alma te adora
Como a abelha de Mysora
As flores prehes de mel,
Como a sultana formosa
A nota triste e amorosa
Da lyra do menestrel.

Anjo! minh'alma te busca
Como o insecto que se offusca
Dos cyrios á claridão,
Como a clicia desmaiada
A caricia enamorada
Das azas da viração!

Ai! vem divina creança
Vem minha doida esperança
Que eu aqui te espero em prantos,
Vámos errar nessas plagas
Aonde na praia as vagas
Soluçam sentidos cantos!

Oh! . . . lá minha doce amada
Placida a lua encantada
No céo de azulada côr,
O grató aroma das rozas,
Nas veigas deliciosas
Tudo, tudo inspira amôr!

O Ganges dorme sonhando,
Meu batel se emballa arfando
Sobre as ondas de crystal;
O rouxinol inspirado
Modula o threno adorado
Nas sombras do laranjal!

Oh! ao pallido luar
Como é celeste poisar
A fronte n'um seio amado!
Tremar de amores um' hora
Como a bella de Mysora
Nas maravilhas do prado!

Ai! vem divina creança!
Vem minha doida esperança
Que eu aqui te espero em prantos;
A noite aos poucos declina
E sobre o rio a neblina
Desdobra seus tenues mantos.

Si tú sobesses que chamma
O teu olhar me derrama
Nas fibras do coração!
Que bellos mundos diviso
Que gozos do paraíso
Eu sinto ao cerrar-te a mão!.

Si tú soubesses que dores,
Que medonhos dissabores
Eu sinto dentro do peito,
Ai! tú virias comigo
Sonhar das veigas no abrigo,
Das folhas verdes no leito!

Tú verias que thesouro
Que mysterio immorredouro
Eu te mostrára querida!.
Oh! por um instante virgem
Por uma doce vertigem
Te daria minha vida!.

POEMA

Na suave estação do grato estio
Quando as campinas vestem-se de flores,
E os passarinhos sacudindo as plumas
A natureza pejam de cantigas ;
Quando os pomares vergam-se rangendo
Ao doce peso de doirados fructos
Vi-os deixar o turbilhão das turbas
Para perder-se além das serranias
Como um casal de candidas rollinhas.

Elle joven, romantico, deixava
Correr a vida como o indio á noite
O lenho errante ao deslizar do rio;
Ella meiga e amorosa ao braço d'elle
Como a andorinha que da torre emigra
La pedir aos áres do deserto
Sopro de vida a seus pulmões enfermos.
Elle era loiro e bello como a imagem
De um deus erguido nos altares gregos
Ella era como a roza linda e pallida
Que em noites de luar a fronte encosta
Na haste humedecida pelo orvalho.
Elle tinha no rosto o viço e a vida
Ella na face languida e saudosa
De morbido pallor o véo sentido.

Foram; e a brisa de esperanças doces,
De seu batel arredondava as velas
Como Smyrna a viração cheirosa
Toca o navio do Maltez pirata
Carregado de camphora e de incenso.
Foram; só Deus, a noite o céu e os astros
Poderiam contar os rózeos planos
Que elles tinham na mente e os sonhos de oiro
Que lhes passavam pelas fronteiras puras.

A's brilhantes canções das aves meigas,
Aos effluvios das flores campesinas
Na margem da floresta, em choça amiga,
Um mez passaram de ineffaveis gozos.
No leito molle de sombria relva
Dormiam juntos ao calor da sesta
Entre o sussurro de indolente arroio
E o perpassar de forasteiras brisas;
Cantavam junto á porta á luz da tarde,

N'aurora erravam pelos campos humidos
Relendo a historia dos primeiros beijos
E o drama inteiro de um amor nascente.
E no entanto no ebriar do gozo,
De dia em dia ella pendia a fronte
Como o salgueiro á margem das lagoas!

Amaram-se e viveram como os anjos.
Das harpas da ventura as cordas todas
Em doces cantos disferiram rindo,
Até que um dia ao despontar d'aurora
Elle nos braços a sentio gelada!
Então ergueu-se livido, sem prantos
Sem uma queixa ao menos e um suspiro,
E do sumo de plantas venenosas
Encheu a taça e a devorou de um trago.
Depois beijando-a sobre os labios roixos
E unindo-a ao seio n'um enlevo funebre'
Como um noivo deitou-se ao lado della.

Vi-os partir ardentes de esperança;
Tinham sonhos sem fim na mente occultos
E um mundo inteiro de esperanças n'alma!
E no entanto os esperei de balde!
O outono, a primavera, o estio, o inverno
Passaram somnolentos sobre a terra
Mas elles não voltavam!. Na romagem,
Pude apenas, buscando-os, com meu pranto
Regar a lousa fria de seus tumulos!

A SERENATA

(UHLAND)

Oh! minha mãe, que harmonias
Vem meu somno interromper!
Não ouvis?. ai! são tão bellas
Que me sinto reviver!
—Dorme filhinha, é o delyrio
Que te causa a febre ardente;
Quem tocará serenatas
Na porta de uma doente?
—Não é musica terrestre
Que ao somno rasgou-me o véo;
Oh! mãe! é o chôro dos anjos
Que me chamam para o céu!

NOTA

Aurora, Echos do Carcere e o Exilado, foram inspirados pela leitura das bellas paginas Biblicas de Laménais.

Child-Harold, imitado do canto a—Ignez—no poema do mesmo nome, de Byron.

FRAGMENTOS

E

GUALTER O PESCADOR

To the Auditor at 1907

James M. ...

~~James M. ...~~

FRAGMENTOS

(A' ANTONIO MANOEL DOS REIS)

..
A vida é uma jornada perigosa
Do berço á sepultura. Pobres desses
Que abandonam as flores perfumadas
Da margem do caminho, na esperança,
Da eternidade que se perde ao longe
Entre as sombras da duvida!

Pobres d'esses que os sonhos deleitosos
Os dias de prazer,—as aureas noites
Deixam por gozos de existencia dubia,
E na terra correndo atraz das nuvens,
Vão bem depressa tropeçar na campa
Sem um riso siquer!

Argonautas sem náó que em noite immensa
No mar da vida a tiritar vagueiam
Do vélo de ouro da sciencia em busca,
Despidas fronte que a vaidade humana
Cercou de louros,—corôou de glorias
E adora de joelhos!

Desvairados philosophos,—theologos,
Até quando quereis á turba estulta
Encobrir as verdades?—Até quando
Nas plagas nebulosas da chimera,
No dédalo confuso dos fantasmas
A levareis de rasto?

As tormentas do céo não duram sempre!
Apenas foge a bruma,—radiante
A estrella ressucita!—No deserto
O lotus desmaiado ao sól ardente,
As lagrymas da noite abre tremendo
A lucida corolla!

N'uma vida de luz,—de amor e cantos
Palpita a creação. Em quanto é dado
Abrir as azas,—transpirar perfumes
São felizes a flor e o passarinho,
Até que aos ventos se desfolhe aquella,
E este morra nas selvas!

Mas o homem doudeja entre martyrios,
Fecha os olhos ás glorias do presente
E caminha,—e caminha!—Uma esperança
Doida e sem termos lhe allumia a estrada
Mas no fim da jornada acha um abysmo,
Entretanto é bem tarde!.

Depois que o sangue se gelou nas vêas,
Depois que o coração callou seus éstos
Com o sangue o coração, a alma esvaio-se!
E além da lousa fria de um sepulchro
Só existe o silencio—a tréva—os vermes
O esquecimento e o nada!

Quem mais feliz?—O Lovelace pallido
Sobre seios macios repousando
De Epicurista a frente, ou pobre monge
Que em desejos ardendo á noite geme
Na cella rigorosa, e o chão innunda
De lagrymas de fogo?

Este espera a ventura,—aquelle a goza
Exausto de prazer á tumba desce,
Este morre crivado de cilicios
E a eternidade que esperava ardente,
Foge ao dobre do sino dos finados
E ao rasgar da mortalha!

Por mim que o mundo baffejou de escarneos,
Por mim que a sôrte circundou de angustias,
Creio na taça que meus labios tocam,
Creio nos raios que meu rosto crestão
Creio nas sombras que meu ser envolvem,
E creio nos sepulchros!

Nas azas frias de irritados ventos
Doudeja a folha.—O manaká cheiroro
Cáe sobre o rio,—a correntesa o leva,
O hote errante na soidão dos mares
Pula,—se estorce—beija a onda e os céos
E quebra-se nas rochas!

E como a folha,—o manaká cheiroso
E o hote errante divaguei na vida!
Por toda a parte só topei martyrios,
Espinhas sempre em miseraveis leitos,
Fél e absyntho pelas taças todas
Onde a boca encostei!

Se á meia noite,—suarento,—frouxo
Pedi um canto onde dormir pudesse,
Como ao leproso me apontáram rispídos
O campo immenso de paúes cobertos!
Caminha, me disseram, e outro Ahsverus
O que havia eu fazer?

Mas o meu corpo é gotejante e frio,
Meus nervos tremem como as cordas soltas
De uma harpa abandonada,—meus pulmões
Sorvem convulsos um vapor de morte,
Ah! deixai-me dormir que não posso...
Não! caminha! caminha!

Que esperar mais do mundo? —Onde tranquillo
Um altar encontrar de amor e crenças
Onde achar a virtude? Assim as rozas
Uma por uma sobre o chão cahiram,
E a fronte joven se cobrio bem cedo
De pavorosas rugas!

Como Fausto e Manfredó eu tive amigos,
Fiz bem a muitos homens,—de joelhos
No silencio da noite ergui meus cantos
Ao senhor das esferas, no entanto
De tudo, o que tirei?—enojo,—tedio
 Angustias e martyrios!

Na enxerga da miseria acaba o genio,
Gasta-se o fogo que do céo descera,
Mas a infamia corôa-se de louro,
A intriga dorme em perfumados leitos,
Repousa o vicio ao fumegar do incenso,
 E ao sussurro das harpas.

Não quero em nada crêr! — a mim que importa
Que o homem desça á região das sombras
Ou lá no Emyreo se inebrie em luzes!
Tudo é dubio, trevoso,—tudo é falso
Uma cousa ha real,—ninguem o nega
 E' a morte sómente!

... ..

O mancebo callou-se. A madrugada
Veio rompendo encantadora e bella,
Cobrando o véo de flores. Os convivas
Curvavam-se cançados sobre a mesa,
Mas deste estranho canto, uma palavra
 Siquer ninguem perdeu.

GUALTER O PESCADOR

(A ANTONIO MANOEL DOS REIS)

I

**Sobre as ondas de anil do mar profundo
Surge a esfera de luz banhado as plagas
De esplendido clarão,
O mundo acorda, e a natureza escreve
Um canto ainda sobre o livro eterno
Da immensa criação.**

E' dia. Agora nos sertões remotos
O caçador embrenha-se cantando
 Da serra nos desvios,
O lenhador abala o matto virgem,
E a patativa se desfaz em threnos
 Junto á beira dos rios.

E' dia!—é dia!—E haverá quem durma
Quando a terra palpita de volupia
 Aos afagos da luz?
Quando a abelha desmaia sobre as flores,
As flores sobre o vento, e o vento errante
 Sobre as ondas azues?

Olhae, lá em baixo na arenosa praia
Onde a vaga indolente se espreguiça
 Bocejando n'areia,
E os manakás transbordam de perfumes,
E a viração nas pitangueiras humidas
 As folhagens meneia.

Junto á cabana, com a rede aos hombros,
O moço pescador contempla o céo
 E se apresta a partir;
De um lado a esposa busca em vão retel-o,
E o loiro anginho que sustém no cóllo
 Brinca e põe-se a sorrir.

—Não partas hoje, diz a moça pallida,
Em cujos olhos divinaes se espelha
 A candura do céo;

—Porque minh'alma?

—Deus! não sei, mas sinto

Meu coração que aneia entristecido,
 Dos presagios no véo!

—Que loucura! Não vês?—o mar é calmo
Como nossa filhinha que em teus braços
Se balança contente;
E a flor das aguas os peixinhos pulam,
Reluzindo as escamas prateadas
A' luz do sól nascente.

—Ah Gualter!. Gualter eu não sei que tenho
Mas voz sinistra me murmura n'alma
Que não debes partir!
—Não te afflijas, querida,—diz o moço
Afagando-lhe a fronte, e os outros dias
Não se faz ella ouvir!

—Sim,—toda a vez que nesse lenho estreito
Vejo-te ousado abandonar a patria,
Tenho sempre terror!
Mas hoje mais que nunca!. oh! fica. fica,
Eu te imploro por mim, por nossa filha
Por todo o nosso amor!

O mancebo concentra-se. Uma sombra
Parece a testa lhe enrugar de leve
E os olhos enturvar.
Porém cedo sorri, ergue a creança
Do regaço materno, e entre carinhos
A começa beijar.

—Então não partes?. diz a esposa alegre
A rede lhe tomando.

—Oh! não,—não posso
E' preciso ir ao mar.
Meu Deus!.

—Que queres! amanhã, responde
O que havemos comer?—a moça calla-se
E se põe a chorar.

Ah! misero d'aquelle a quem no berço
O archanjo da opulencia abrindo as azas
A fronte não rossou!
Pomos vedados são da vida os gozos,
E a taça de hydromel torna-se em lupulo
Apenas a tocou!

Sonhar no ermo,—no palmar—quem sabe
Ou sobre as relvas esquecidas horas
Em delicias de amor;
E ter por socia uma tristesa eterna,
E em vez de afagos que sonhára ardente
Suarento labor!

Mais doce agora rumoreja a brisa
Das niveas flores dos ingás viçosos
Juncando o branco chão,
O moço se prepara:—é bello o vento,
Rico e fertil o mar,—Esther socega,
Não me detenhas, não!

Chorosa e triste a meiga esposa o segue
A' longa praia, onde o batel esguio
Váe e vem sobre a vaga,
Beija-lhe a fronte; diz-lhe Adeus, e clama
Até que a vela abandonando a terra,
No horisonte se apaga!

Põe-se o sól. Merencorio o céu se tolda
Em véos de brumas, que deixando os montes
Desenvolvem-se aos poucos.
Ligeiras virações o mar encrespam,
E um cardume de passaros se arroja
No espaço em pios roucos.

Vós que vindes do sul, oh niveas garças
Beijando as ondas que o calor amorna,
Dizei,—dizei o que annuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna?

Dizei que sombra funeraria é essa
Que as cores mancha da cerulea téla,
E as fundas rugas que a tremer se cavam
Do salso imperio sobre a face bella?

Oh! não mintáes!—se a tempestade é perto
E o mar á lucta os vagalhões prepara,
Quero constricta me prostar chorando
Aos pés da virgem que os mortaes ampara!

Dizei, dizei o que annuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna,
Ligeiras garças que do sul partistes
Beijando as ondas que o calor amorna!

E a tribu errante que atravessa o espaço,
Váe sobre as azas de irritados ventos
Perder-se n'amplidão,
Sentada á porta contemplando as nuvens,
Esther mostra no rosto descorado
As sombras d'afflicção!

Pesadas massas de profundas trévas,
Vão pouco á pouco se ajuntando, e rollam
 Entre surdos rugidos;
Os relampagos surgem, — passa o vento
Da selva escura arrebatando aos cedros
 Funerarios gemidos!

De mais á mais o espaço se escurece,
Repetem-se os trovões, o mar inquieto
 Fustiga as penedias,
Um dilluvio de queixas e bramidos,
Percorre os ervaçaes e vá perder-se
 Nas longas serranias!

Ai! o moço não vem! tremula a esposa
Corre á praia assustada e os olhos crava
 Anciosos no mar;
Mas apenas divisa em furia insana
Vagas e vagas que encurvando o dorso,
 Vão aos céos topetar!

Então busca a choupana. Junto ao leito,
Uma imagem da virgem se levanta
 Em doce compunçam,
Esther accende um cyrio e de joelhos
Apertando a filhinha ao seio oppresso,
 Murmura esta oração:

—Oh! branca rosa do céu
Oh! bella estrella de amor,
Que no teu candido véo
Sorris aos pés do Senhor;

Tú que dos anjos cercada
Lá no imperio da luz,
Beijas a fronte adorada
Do condemnado da cruz;

Volve,—volve brandos olhos
Sobre os miseros que a sóрте,
Por entre horrendos escolhos
Leva aos abysmos da morte!

Curva-se o matto gemendo,
Cobre a terra escuro véo
O mar arroja tremendo,
A fria saliva ao céo.

Mas ai! que talvez, Senhora,
Quando o raio estronda e cáe,
A esposa viúva chora,
Chora a filhinha seu pae!

Oh! branca rosa do céo
Oh! bella estrella de amor,
Tú que em teu candido véo
Sorris aos pés do Senhor;

Volve, volve brandos olhos
Sobre os miseros que a sóрте,
Por entre horriveis escolhos
Leva aos abysmos da morte!

Um momento o oceano, a terra, as nuvens,
Parece que emudecem, os tufões
Abafam seu rugir,
O horisonte clarêa, as brisas passam,
E uma restia de luz rasgando o espaço
Faz a onda sorrir!

Santa Virgem do céu! eu te bendigo
Eu te bendigo, oh Deus!
Que ouviste minhas preces e lamentos
Que ouviste meus.

II

O temporal rebenta! escuras vagas
Pulam sem freios nas marinhas plagas
Como nos ermos os corseis bravios;
Tombam torrentes d'ampudam do céu
Os ventos berrão do bulcão no véo
Em longos tresvarios!

E' tarde,—ha muito nos feras negrumes
O sól sangrento mergulhou seus lumes.
Bem como um brigue devorado em chammas,
A terra anceia,—os pinheirães se abalam,
E das flores os titães estalam
Lacerados sem ramas!.

Ah! mancebo onde estás?—com que perigo
Nas altas vagas sem governo e abrigo
Luctas ardente, mas talvez em vão. . .
E os genios surdem com tremendos laços
E a morte fria te sacode os braços,
Nas azas do tufão!

Tremente,—em prantos, abatido o rosto
No olhar a chamma de cruel desgosto,
Cor e a esposa infeliz á longa praia;
Mas, ai!—é negro o céu, raivoso o mar,
F nesse cáhos que volve-se á bradar
Debalde a vista espraia!.

—Meu Deus! Senhor meu Deus! tudo é perdido,
Murmura a triste em turbido gemido
E se arroja chorando sobre o chão,
O vento chora de a enchergar talvez
E a onda immensa vem beijar-lhe os pés
Rasteira como um cão!

Mas silencio! das vagas no conflicto
Subito se ouve um pavoroso grito!
Ergue-se a moça qual ferida corsa,
Sacode as tranças o vestido agita,
E o louco impulso de su'alma afflicta
Por cumprir se esforça.

E' elle!. . . é Gualter. . . —levantando á prôa
Move aturdido a temula canôa
Que anceia, e salta na fervente espuma;
Que as ondas cospem sobre o lenho ousado,
E o vento envolve o pescador cançado,
Na mortalha da bruma.

Eia!. . . não temas!—reza a Deus e aos Santos
Brada a consorte desvairada em prantos,
Medindo em ancias a distancia immensa,
Mas o mancebo desespera e clama,
E nos seus olhos relampêa a chamma
De livida descrença!

Oh! se ha um Deus que o valha!—as penedias
Erguem-se perto rispidas—sombrias
Do amor sanhudo ao desabrido açoite,
Bulcão medonho sobre o abysmo desce,
E o batalhão da morte augmenta e cresce,
Na caligem da noite.

O batel váe e vem;—retalha a espuma
Some-se as vezes no lençol da bruma
E váe gyrando topetar no céu;
E o moço exausto na vertigem louca
Lança á praia uma queixa insana e rouca
Atravéz do escarcéo.

Oh! piedade!.. piedade!—exangüe, fria
Grita a infeliz nas sombras d'agonia,
Mas nesse instante ruge o furacão,
Ergue-se um grito—horripilante—extenso
Um clamor dolorido, eterno, immenso,
Dos mares n'amplidão!

Esther! Adeus p'ra sempre—o raio passa
E a luz vermelha que o oceano abraça
Entre vozes de horror some o batel,
E os ventos berrão nas espumas frias,
E as vagas brigão funeráes,—bravias
Nos hombros do parcel!

Tudo findou-se!. sem calor sem vida
Eil-a martyr de amor no chão cahida.
Na solta areia que a tormenta orvalha,
A onda chega,—depois foge em prantos,
Depois a leva com funéreos cantos,
Na humida mortalha!.

III

O archanjo de Deus que lá no Emypreo
O livro guarda do fatal destino,
E a morte de Esther decretado havia,
Com letras igneas na sangrenta folha
Foi gravando vagaroso e lento
O nome do mancebo, mas de subito

Uma idéa lhe surge, a mão vacilla
Volta ao começo da funérea pagina
E com tremulo dedo apaga as letras
Que tinha começado!
Inda era cedo! no trevoso drama
Inda uma scena de terror faltava!
O mancebo está salvo! ai quem disséra
Poupando a vida que amargor prepara,
O negro genio que desdobra a téa
E a vida tece dos homanos seres!

Sim, o moço está salvo!—nos abysmos
Roto,—em pedaços o batel repousa
Mas na lucta infernal,—no doido gyro
Em torno á penedia,—o acaso—a sorte
Ao duro embate o pescador lançára
Sobre um tecido de marinhas plantas,
Que as frias bazes do rochedo enlaça.
Foi quando aos labios lhe escapou tremendo
Aquelle adeus final, e o fragil lenho
Para nunca se erguer baixou em lascas
No seio immenso da cruel voragem.

Longo tempo sem forças—desmaiado
O moço fica nessa movel cama
Circulado de espuma e de ardentias.
Mas pouco á pouco a vida vem tornando
E com ella a razão, a calma, o animo,
E' forçoso pensar,—buscar a praia
Ver a filhinha, socegar a espesa,
Que á poucas horas no terror da morte
Longe—perdidas para sempre cria!

Louca esperanza!. illuminado sonho
Miragem de ventura em céu de sangue,
Poucos intantes durarão teus brilhos!
Como as lavas ferventes do vesuvio,

Como os fogos do raio que rebenta,
Surges — clarêas, e ao depois só deixas
Um rasilho de cinzas e betume!

Gualter está na praia, as vestes rotas,
O corpo gotejante, os nervos tremulos
Sacode-se offegante, como a lontra
Na borda da torrente; lança um grito
De jubilo e triumpho, e acelerado
Se arroja a habitação!

Mas um triste chorar chega-lhe ao ouvido!
Um chorar de creança, — debil — fraco
Repassado de angustia!

—Oh! minha filha

Oh! filha de minh'alma, grita o moço!
Mas nesse instante do palmar no cimo,
Ave de morte desprendeo seu canto,
E as azas negras sacudio na sombra!

O pescador se benze, e o calafrio
Uma por uma lhe percorre as fibras,
Apressa o passo mas a cada instante
Tropeça e pára respirando em ancias
O quente bafô que a tormenta exhala.
—Ésther!... vem que aqui estou! — grita o mancebo
Arquejante - cançado. Ai!. tudo é surdo!

As folhagens se agitam suspirando,
Soltam as aves desabridas queixas
E nesse mundo que delira e clama,
De quando em quando ao perpassar do vento
Mais fraca e triste, — mais pungente ainda
Ven dolorida a voz da innocentinha!

Or te está tua mãe que não te escuta?
Cnde está tua mãe!. Porém oh! céos!

Um medonho trovão brame no espaço
O raio passa e váe morrer na onda,
Tenaz, immensa, devorada em chammas
Que referve na espuma que a circula.

Uma idéa sinistra e luctulenta
Como essa fragoa que queimára a nuvem,
Róssa n'alma do moço que se exforça;
Vence a fraqueza que lhe váe no corpo
E corre—e vôa e váe chegar sem folego
A' porta da cabana.

—Esther! exclama,

Porém nada responde, a ventania
Braveja no hervaçal, sacode as plantas
E da misera choça invade as frestas
Em longos assobios!—O mancebo
Faz um supremo exforço, impelle a porta
E se arroja de um salto no aposento!

Mas oh! quadro de horror!. Oh! negro quadro!
Esther não está.—Entorpecida—fria,
Cançada de chorar o pobre anjinho
Estremece no chão,—molhada e núa!
Uma vella de cêra—amarellenta
Sob denso morrão crepita e chia
Junto á imagem da virgem que tranquilla,
Olhos postos no céo sorrir parece!

Santa esposa de Deus!. mulher divina
Que do abysmo da morte ergueste o homem,
Consolo dos mortaes,—doce refugio
Das almas tristes, que o pezar lacera,
Como agora és medonha!. oh! como agora!
Desse pallido cyrio á luz mortiça
Enches de horror e funebres angustias
Tudo quanto te cerca e te contempla!

Hirtos cabellos,—convulsivos labios
O mancebo se arroja de joelhos
E nos braços levanta a pobre infante.
Oh! falla! falla!. desditoso anjinho,
Triste filha do amor e desventura,
Onde está tua mãe? oh! falla!. falla!

Mas ao brando calor do peito amigo,
Ao doce bafio que lhe aquece o rosto
E a vida incute nas geladas véas,
Abre os olhos azues a innocentinha
E ri-se,—e brinca nos paternos braços!

—Grande Deus do universo! tem piedade,
Exclama o pescador, e em frias ancias
Sáe da cabana e se arremessa á praia
Em altos gritos acordando os echos!

Vái serenando o mar,—do céu as sombras
Fogem aos poucos, as estrellas surgem
E brilham vivas como abelhas de oiro
Nas fundas dobras do ceruleo manto.
A floresta se calla e o vento brando
Suspira a medo nas folhagens humidas,
Como um povo de sylphos que ressomna!

A tormenta cessou, mas ai! na terra
As tormentas do céu são as menores!
Uma restia de luz as doma e piza
Como ao bravo corsel que o freio abate!
Mas as que surgem nos humanos peitos
E a vida cavam os medonhos choques,
Essas são longas—eternaes—sem luzes
Nem brisas, nem manhã, que a furia apague!

Mas silencio!. silencio! a noite é calma,
O oceano cançado, e a natureza
Em seu leito de paz adormecida.
Porém que vozes doloridas—tristes
Erguem-se agora lá da praia extensa
E os echos pejam de agonia e morte?

Oh! sim, que é elle. o pescador, não vedes,
Qual sombra foragida que alta noite
De um ermo cemiterio á lousa fôge
E vem de horrores espantar as plagas?
Escutae,—escutae ao som pungente
Dessa voz funeral—enrouquecida,
Não ouvis outra voz mais triste ainda,
Bem que mais fraca levantar-se aos áres
Debil como o chorar da rolla exangue,
Treda como o tufão em chão de campas
Os chorões desfolhando, ou como a queixa
Que o sopro de além tumulo desprende
D'entre a infancia e a morte? oh! é medonho!

Agora, ao cimo do rochedo erguido,
Eil-o de pé convulso—desvairado,
Medindo o abysmo e apostrophando as ondas :

—Onde está minha esposa?. onde está ella,
Vagas profundas que dormis no abysmo? . .
Dá-lhes voz oh! meu Deus! porque minh'alma
Se torce em ancias de infernal martyrio!

Mas o mar não responde, em pranto apenas
Lança um manto de espumas no rochedo
E borrifa-lhe os pés, e no seu peito
Mais triste e fria a creancinha chora,
E os bracinhos de neve estende ao pégo!

O céo é puro e bello,—uma só nuvem
Não turba o esmalte do zimbório ethereo,
Tremem os astros e a nevada estrada
Nas campinas de azul se estende bella
Como facha brilhante,—ou como a senda
Que os anjos leva ao venturoso empyreo.

O pescador se calla e nos seus olhos
Chamma sinistra transparece e brilha
Contempla os astros e a tranquilladas ondas
E um sorriso satânico lhe passa
Pelos gelidos labios,—cerca ao peito
A creança que calla-se inánida
E senta-se na rocha.

Mas oh! céos!

De subito no espaço—pallejantes
As estrellas se apagam,—dir-se-hia
Que um dilluvio de sombras as devora,
O oceano se abafa e em negros urros
Meteoro de sangue abraza o espaço,
E se afunda fervendo no oceano.
Um mundo inteiro de rugidos—gritos
Levanta-se do abysmo, as vagas crescem
E em longas serranias vem correndo
Da voragem fatal que o fogo abriu.

Depois tudo se calla. No infinito
As estrellas despertam-se mais vivas
O oceano se acalma e junto as rochas
Uma onda indolente que se estende,
Arroja aos pés do moço transviado
Alç uma cousa de medonho—infórme
Pavoroso—infernal que o faz de um salto
Levantar-se convulso—o olhar em braza
Como impellido por um ferreo braço!

—Esther! Esther!

O oriente aclara-se
Uma restia de luz innunda o céo
As aguas brincam,—balanceia o vento,
Mas uma queixa immensa,—uma blasphemia
Embebida de fél,—de sangue e lôdo,
Um grito de satan se ergue da terra
Entre debil chorar!.

Tudo findou-se!
As estrellas desmaiam de agonia
Entôa o vento funebres sussurros,
E nas rochas escuras que se elevam,
Uma linha de sangue inda espumosa
Goteja e corre, e váe sumir no abysmo.

Mais bella ainda a natureza acorda,
Tudo é silencio e paz sobre o universo.
O mysterio da morte, esse findou-se;
O oceano é discreto, e o que elle encerra
Dorme no somno de profundo olvido.
Dentre as grimpas azues, entre neblinas
A lua vem se erguendo branca e pura
Como a odalisca que se eleva pallida
Das banheiras de marmor do serralho!
—Bôa noite, bello astro!—ergue-te azinha!

IV

Onde váes ancião? que pranto é esse
Que dos olhos te corre e as câns orvalha?
Que amargura te opprime?

— Ai! não indagues!
Deixa que eu chore que o chorar que verto
Sáe das chagas da alma!

Falla velho;
Teu corpo treme,—teu fallar é rouco,
Cortado de soluços, no entanto
Os invernos gelaram-te os cabellos,
E as tormentas de um seculo, quem sabe,
Envergáram-te á terra, afim que busques
O frio leito do final descanso!
Falla ancião,—que magoa te espedaça
E remorde-te assim?

—Ai! não indagues!
Lança os olhos á praia e a Deus pergunta
Porque se apaga a estrella, a flor definha,
O arvoredor emurchece e a humana vida
Entre sangue e loucura erra e desmaia.

Grande Deus do universo!.. são dous corpos!
Um corpo de creança!. oh! como o sangue
Os cobre e desfigura!. falla velho.
Falla. conta.

Ah! tem piedade
A dor me despedaça, e em breves dias
Talvez minh'alma os seguirá bem cedo!
Amei-os mais que a mim!—desde creança
Acalentei a misera aos joelhos,

Junto ao fogo
Em noites hibernáes unida ao collo
A fazia dormir entre cantigas!

Via-a crescer—crescer como a palmeira
Sempre junto de mim até que a idade
A afeição. o amor m'arreatassem!
Conduzi-os a igreja—abençoei-os.
Mas ai!. elles não vivem,—nem tão pouco
O pobre anjinho que eu levei á pia,
E emballava em meus braços! hoje mesmo
Desci a serra, —vim busca-los,
Vel-os ainda, que meus longos annos

Ha muito tempo m'os roubava aos olhos.
Porém tudo findou-se. oh! tudo. tudo!
Amáram-se e viveram como as flores,
Como as aves do céu e as plantas meigas
Que o sertão embalsamam de perfumes,
Amáram-se e viveram puros, bellos
Mas tiveram por leito derradeiro,
O fundo escuro de medonho abysmo!
— Viajor que chegáes, orae por elles!

...

O tempo corre e com o seu manto immenso
Varre o dia e a noite, o mez e o anno,
Mas as ondas azues o navegante,
Saúda a imagem de uma virgem santa
Que em seu nixo de pedra alveja ao longe,
Na crista do rochedo. Tres vezes santa!
Donde esse emblema de humildade veio,
Oh! quem não sabe remontando á lenda
Do pobre pescador?

NOCTURNAS

NEVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flócos de nevoas immensas
Que em grutas extensas se elevam no ár,
Um corpo de fada,—serena dormindo,
Tranquilla sorrindo n'um brando sonhar.

Na fôrma de neve—puríssima e nua—
Um raio da lua de manso batia,
E assim reclinada no turbido leito
Seu pallido peito de amores tremia.

Oh! filha das nevoas! das veigas viçosas,
Das verdes,—cheirosas roseiras do céu,
Acaso rollaste tão bella dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véo?

O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E quêda repousas n'um mar de neblina,
Qual perola fina no leito de espumas!

Nas nuas espaduas, dos astros dormentes,
—Tão frio—não sentes o pranto filtrar?
E as azas de prata do genio das noites,
Em tibios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te matta o desejo
De um férvido beijo gosares em vãõ!
Os—astros sem alma—se canção de olhar-te,
Nem pódem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam,—e as nevoas tremiam,—
—E os genios corriam—no espaço a cantar,
Mas ella dominia tão pura e divina
Qual pallida ondina nas aguas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Illyria,
—Brilhante Walkyria—das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envolta em vapores,—mais fria que a morte!

Oh! vem! vem minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecel-os no peito incendiado,
—Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as nevoas sombrias,
—Nas horas tardias que a noite desmaia.—

E as brisas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina;
Sumiram-se as brumas do vento á bafagem
E a pallida imagem desfez-se em—neblina!

Santos—1861.

Salve 6 de janeiro
de 1861
Santos

VIDA DE FLOR

Porque vergas-me a fronte sobre a terra?
—Diz a flôr da collina ao manso vento—
Se apenas as manhãs o doce orvalho
Hei gosado um momento!

Timida ainda, nas folhagens verdes
Abro a corolla á quietação das noites,
Ergo-me bella, me rebaixas triste
Com teus feros açoites!

Oh! deixa-me crescer lançar perfumes,
Vicejar das estrellas á magia,
Que minha vida pallida se encerra
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade
A fronte virgem da cheirosa flor,
Que pouco á pouco se tingia, triste,
De morbido pallor.

Não vês oh brisa? lacerada,—murcha,
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,
E em breve tempo esfolharei já morta
Sem chegar ao verão?

Oh tem piedade mim! deixa-me ao menos
Disfructar um momento de prazer,
Pois que é meu fado despontar n'aurora
E ao crepusc'lo morrer!

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,
Nem ás suas dores attenção prestou,
E a flor mimosa retrahindo as pétalas
Na tige se inclinou.

Surgio n'aurora, não chegou á tarde,
Teve um momento de existencia só;
A noite veio,—procurou por ella,
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, oh virgem, a legenda triste
Da flor do outeiro e seu funesto fim,
—Irmã das flores á mulher as vezes—
Tambem succede assim.

S. Paulo—1861.

ARCHETYP0

Elle era bello; na espaçosa fronte
O dedo do Senhor gravado havia
O sigillo do genio; em seu caminho
O hymno da manhã soava ainda,
E os passaros da selva gorgeiando
Saudavam-lhe a passagem neste mundo.

Sim, era uma creança, e no entanto
Friez de morte lhe coava n'alma!
O seu riso era triste como o inverno,
E dos olhos cançados, nem um raio
Nem um clarão, nem pallido lampejo
Da mocidade o fogo revellavam!

Era-lhe a vida uma comedia insipida,
Estupida e sem graça, elle a passava
Com a fria indiferença do marujo
Que fuma o seu cachimbo reclinado
Na prôa do navio olhando as vagas,
—Vivia por viver. — porque vivia.

Em nada acreditava; ha muito tempo
Que a idéa de Deus soprára d'alma
Como das botas a poeira encommoda.
O Evangelho era um livro d'anedoctas
Bethoven torturava-lhe os ouvidos,
A poesia provocava o somno.

Muita donzella suspirou por elle,
Muita belleza lhe dormio nos braços,
Mas frio como o genio da descrença,
Após um' hora de gozar maldicto,
Saciado as deixou, como o conviva
A meza do festim,—farto e cansado—

Era mais caprichoso,—mais bisarro
Do que um filho de Albion, mais voluvel
Que um profundo politico; uma tarde
Após haver jantado, recordou-se
Que ainda era solteiro; pelo Papa!
E' preciso tentar, disse comsigo.

Quatro dias depois tinha casado.
Escolhera uma noiva descuidoso,
Como um brinco chinez—um livro in-folio,
Ao altar conduzio-a, distrahido,
E as juras divinas do casamento
Repetio bocejando ao sacerdote.

Como tudo na vida, o matrimonio
Bem cedo o aborreceo; após tres mezes
Disse Adeus á mulher que pranteava,
E acendendo um cigarro, a passos lentos
Dirigio-se ao theatro onde assistio
Um drama de *Feuillet*,—quasi dormindo.—

Por fim de contas uma noite bella
Depois de ter ceiado entre dous padres,
Em casa de morena Cidalisa,
Pegou n'uma pistola e entre as fumaças
De saboroso—*Havana*—á eternidade
Foi vêr si divertia-se um momento.

S. Paulo—1861.

O FORAGIDO

(CANÇÃO)

Minha casa é deserta; na frente
Brotam plantas bravias do chão,
Nas paredes limosas — o cardo —
Ergue a fronte silente ao tufão.

Minha casa é deserta. O que é feito
Desses templos bemdictos d'outr'ora,
Quando em torno cresciam roseiras
Onde as auras brincavam n'aurora?

Hoje a tribu das aves errantes
Dos telhados se acampa no vão,
A lagarta percorre as muralhas,
Canta o grilo pousado ao fogão.

Das janellas no canto, as aranhas
Leves tremem nos fios doirados,
As avencas pollulam viçosas
Na humidade dos muros gretados.

Tudo é tredo meu Deus! o que é feito
Dessas éras de paz que lá vão,
Quando junto do fogo eu ouvia
As legendas sem fim do serão?

No curral esbanjado, entre espinhos,
Já não bala ancioso o cordeiro,
—Nem desperta-se ao toque do sino—
—Nem o canto do gallo ao poleiro.—

Junto á cruz que se eleva na estrada
Secco e triste se emballa o chorão,
Não ha mais o esfumar das acacias,
Nem do crente a—sentida oração.

Não ha mais uma voz nestes ermos,
Um gorgueio das aves no val,
Só a furia do vento retrôa
Alta noite agitando o hervaçal!

Ruge oh! vento gelado do norte,
Torce as plantas que brotam do chão,
Nunca mais eu terei as venturas
Desses tempos de paz que lá vão!

Nunca mais desses dias passados
Uma luz surgirá d'entre as brumas!
As montanhas se embuçam nas trévas,
As torrentes se vendam de espumas!

Corre pois vendaval das tormentas,
Hoje é tua esta morna soidão!
Nada tenho, que um céu luctulento
E uma cama de espinhos no chão!

Ruge, vóa que importa! sacode
Em lufadas as crinas da serra,
Alma nua de crença e esperanças
Nada tenho a perder sobre a terra!

Vem meu pobre e fiel companheiro,
Vámos, vámos depressa meu cão,
Quero ao longo perder-me das selvas
Onde passa rugindo o tufão!

Cantareira—1861.

Fragmentos da minha vida

FRAGMENTOS

Por ella me despi dos aureos sonhos
Que a flor da mocidade abrilhantavam;
Por ella reneguei meu Deus e crenças,
Por ella abandonei meus patrios lares,
E nas fragoas do amor e da saudade
Vi minha vida desfazer-se em fumo!

Como o perfume que transpira á noite
Da margem da lagôa—a flor mimosa—
Vae deleitar o viajor que a nevoa
Desorienta da campina extensa,
Vinham amenisar—lembranças d'ella
A sombria tristeza de minh'alma!

De plaga em plaga como o hebreo maldicto
Refugiei-me em vão, buscando d'alma
Expulsar o pezar que me roia!
Mendiguei um alivio ao céu de Italia;
Aos cantos do barqueiro errei a noite
—Nas ondas perfumadas de Sorrento;—
Adormeci na encosta do Vesuvio,
E visitei as lucidas paragens
Onde Laura e Petrarca suspiráram
Mas era em balde! . . . nem o céu brilhante,
Nem o meigo sorriso,—o olhar de fogo
Da bella Italiana, nem os cantos,
Nem os festins ruidosos de Venesa,
Sanar puderam de meu seio a magoa,
E a dor pungente que ia fundo n'alma!

A' loira Grecia dirigi meus passos,
Adormeci á sombra dessas ruinas
Onde envolto em seu manto de descrença
Lord Byron vagou. Abri meu peito
A's vozes divinaes de antigas éras,
E no sopro das brisas que passavam
Ouvi o côro de—milhões de Deuses—
Que das balsas floridas levantavam-se
A' minha invocação; de Tempe ao valle
Fui aos echos pedir—os doces cantos—
Que ali ditosa repetira Sapho
Nos braços de Phaon; e no entanto
Em vão minh'alma se engolfar buscava
No livro do passado,—em vão meus labios

Murmuravam canções de seus poetas!
O pezar me seguia—mudo,—frio—
Horriavel como um plumbeo pesadelo!

Deixei a Grecia. A's regiões ardentes
Onde nuvens de arêa o ár percorrem
No—solio do zenith—o sól nublando,
Onde lenta caminha a caravana
Abrasada de sêde e de cansaço,
—Fugindo o tédio de uma vida eivada,
Como—Harold ou René—lancei-me triste
Cercada a fronte de trevosas nuvens.

Descancei sob as tendas do deserto,
Matei a sêde de meu peito em fogo
—Nas aguas lamacentas das cystemas,
E a pós deixando os areâes sem termos
Embrenhei-me nas selvas seculares
Lá onde á sombra de soberbos cedros
Dormia a solidão seu somno immenso!
Mas as canções dos Arabes errantes,—
Os urros do *simoun*,—o murmurio
Da folhagem da selva,—o mundo todo—
Desse vasto poema do deserto—
Fallavam-me de dor e de amarguras,
Negra saudade me acordavam n'alma!

Vaguei nos mares á tormenta exposto
Vi diante de meus pés —o oceano e a morte,—
E meu fragil batel arrebatado
—Ora no dorso de espumosas vagas —
Ir doudejando topetar nas nuvens,
—Ora no abysmo se afundar gemendo!—
Abrindo as azas negras sobre os mares
Corria o furacão rugindo em furias
Como o anjo da morte! No infinito
A orchestra da tormenta—ribombava

Horriavel e sublime! O céu rugia,
As serpentes de fogo se enroscavam
No espaço abraçado,— as ardentias
Referviam no abysmo escancarado
Como os lumes que em breve me esperavam
Na tumba immensa de revoltas aguas!
E em quanto os mastros a estalar cahiam
Ao roçar da tormenta, em quanto os nautas
Prostrados no convéz—a Deus clamavam
Ante a agonia—a tempestade—e a morte,
Pedindo as vagas, olvidando tudo,
O nome della eu murmurava em prantos.

Dos abysmos á flor, como Manfredo,
Os genios invoquei—vertiginoso—
P'ra que lançassem de minh'alma aos ermos
—De mim mesmo, um profundo esquecimento.
Pedi a Deus—um existir de bruto,—
Materia impura sem pensar nem dores.
Mas nem um goso illuminou-me a vida,
Nem uma fonte limpida e serena
Rebentou—pelo Sáhara—de minh'alma!

Errei nas paragens encantadas
Onde á sombra de um bosque de palmeiras
Regatos correm de serenas aguas:
Ouvi a ave sonora se emballando,
A' morredoura luz de amenas tardes
Lançar gorgeios de saudade infinda;
O céu de azul me illumina a fronte
Com torrentes de luz, as flores todas
Me incensavam de aromas suavissimos.
Mas—o riso da flor—o som das brisas—
A criação pejada de perfumes
Contando aos astros em linguagem doce

Suas legendas de amores e sorrisos,
Não podião siquer matar-me n'alma
O negro viso de uma dor sem termos!

De deserto em deserto se acampando
Os pastores da Arabia a vida passam;
Como elles vagabundo,—eivado o seio,
De dor em dor com vagarosos passos
Atravesso os desertos da existencia!

==

Cançado de luctar sobre esta vida,
Senti um dia esmorecer no craneo
A scentelha da crença e da esperanza.
Por altas noites, na mansão dos mortos
Quando a terra dormia, mergulhado
Em negro pesadelo, errei sombrio
Os mysterios da campa interrogando.
Haverá outra vida?. Após a morte
Irei eu habitar um novo mundo
Onde não sinta os desprazeres deste?
Eu filho da materia e escravo della
Serei em breve reduzido a lodo,
Após haver tragado em bronzea taça
Tanto fél e absynthio? . assim clamava
Collando sobre a terra dos sepulchros
Minha fronte incendiada pela febre.
Mas lá de longe,—lá do céu quem sabe,
Vinha uma voz unvida de saudades,
A harmonia da fé lançar-me n'alma,
E a flor das esperanças—moribunda—
Alimentar com timidas promessas!
Era ella! ella sempre! á noite,—ao dia—
No somno—ou na vigilia! . . amiga sombra,
Incessante vizão da felicidade,
Presente sempre a meus cançados olhos
Na penoso jornada deste mundo!

Anjo de meu amor!—filha de Deus!
Porque me inflinges o cruel supplicio
De ver-te sempre,—de abraçar-te nunca!

Ligeiras nebulosas que habitaes
Sobre os mares de ether,—roseas nuvens,—
Fulgida estrella que á manhã nascendo,
Desperta o viandante nas estradas
Astros gigantes,—espantosos mundos
Que gyraes no infinito! . . oh em vós todos
Eu parecia vel-a!—ora divina
N'um oceano de nevoas fluctuando,
—Ora adejando na região das luzes,—
Ora no espaço que a razão apenas
Só póde conceber! em meu caminho
Ella se esguia sempre; nos meus sonhos
Ella passava pensativa,—meiga
Como um genio do Ossian; nos meus versos
Seu doce nome resoava sempre!
Debalde procurei riscar da mente
Essa imagem divina,—parecia
Que o destino a ligava á minha vida!

Todas as taças de um viver sem goso
Traguei descrido. De minh'alma as flores
No lodo mergulhei, e inda tão cedo
Me perdi em profundos desvarios!
Fui no recinthe em que circula o vicio,
Ao clarão da candêa fumarenta,
Pender a negra mesa —empallescido—
Gastando as noites no fervor do jogo!
Tonto de vinho,—desvairado em febre,—
Elevei minha taça transbordando
Entre blasfemias e obscenos cantos!
E nos gritos da orgia,—e no delirio—

Uma voz sonora me acordava
Do longo pesadelo de minh'alma,
—E eu soluçava me lembrando della!

Coberto de tristeza e de saudades,
Quebrei a ausencia, attravessei os mares
Vim a vida buscar ante seus olhos.
Após tão longo exilio, ardendo em goso,
O coração pulsando de alegria,
Aos lares d'ella dirigi meus passos.
Mas silencio! . . um véo negro, impenetravel,
Cubra esse quadro que meus olhos virão ;
Durma na sombra de um olvido eterno
Esse mysterio funebre, banhado
De lagrymas de sangue! E tú minh'alma,
E tú pobre infeliz, manchada—fria—
Abafa no teu seio essas lembranças,
Nem um sonho siquer desse passado
Venha turbar teu pesadelo immenso!

Rio Claro—1861

A MULHER

(A C...)

A mulher sem amor é como o inverno,
Como a luz das anthelias no deserto,
Como o espinheiro de isoladas fragas,
Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é—Mancenilla—
Das ermas plagas sobre o chão crescidas,
Basta-lhe á sombra repousar um' hora
Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abysmo,
Paixões repousam n'um sudario eterno;
Não ha canto nem flor,—não ha perfumes,
A mulher sem amor é como o inverno.

Su'alma é um alaude desmontado
Onde embalde o cantor procura um hymno;
—Flor sem aromas, — sensitiva morta, —
—Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas se um raio do sól tremendo deixa,
Do céo nublado a condensada tréva,
A mulher amorosa é mais que um anjo,
—E' um sopro de Deus que tudo eleva!

Como o Arabe ardente e sequioso
Que a tenda deixa pela noite escura,
E váe no seio de orvalhado lyrio
Lamber a medça a divinal frescura:

O poeta a venera no silencio,
Bebe o pranto celeste que ella chora,
Ouve-lhe os cantos,—lhe perfuma a vida,
—A mulher amorosa é como a aurora!

S. Paulo—1861.

SOBRE UM TUMULO

Torce-te ahi na sepultura fria
Onde passa rugindo o furacão,
Seja-te o orvalho das manhãs negado,
Sõe em teu leito a voz da maldição !
Teu castigo será gemer debalde
Buscando o somno que o sudario deixa,
Ouvir nas trévas de uma noite horrenda
De errantes larvas a funerea queixa !
Pese-te a terra qual um fardo immenso,
Infecta podridão cubra teus olhos,
Seque o salgueiro que sombrêa a lousa
E em seu lugar estendam-se os abrolhos !
Roam-te o odio,—a maldição,—o olvido,
E quando as turbas levantar-se um dia,
—Apparencias de Deus,—para afundar-se
No seio d'Elle, ardentes de alegria,
Surdo sejas aos echos da trombeta
Em teu leito de pedra enregelada;
Findem-se os mundos, e a existencia tua
Fria se apague na soidão do nada !

S. Paulo—1861.

Mademoiselle ?
170

Offre ?

Paris le 10 de Septembre, an 796.

TRISTESA

Minh'alma é como o deserto
De dubia arêa coberto,
Batido pelo tufão;
E' como a rocha isolada
Pelas espumas banhada,
—Dos mares na solidão.—

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram
E as illusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!

Roem-me atrozes idéas,
A febre me queima as véas,
A vertigem me tortura!
Oh! por Deus! quero dormir,
Deixem-me os braços abrir
Ao somno da sepultura!

Despem-se as mattas frondosas,
Cáem as flores mimosas
Da morte na pallidez:
Tudo, tudo váe passando,
Mas eu pergunto chorando
Quando virá minha vez?

Vem, oh virgem descorada
Com a fronte pallida ornada
De cipreste funerario,
Vem! oh quero nos meus braços
Cerrar-te em meigos abraços
Sobre o leito mortuario!

Vem oh morte! a turba immunda,
Em sua miseria profunda,
Te odeia, te calumnía,
—Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria.

Quero morrer, que este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lodo e fél;
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martyrios ao tropél!

Infames Diabos

Quero morrer: não é crime
O fardo que me comprime
Dos hombros lançar ao chão,
Do pó desprender-me riudo
E as azas brancas abrindo
E lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas loiras creanças
Coroadas de esperanças
Descem da campa á friez!.
Os vivos vão repousando
Mas eu pergunto chorando:
—Quando virá minha vez?—

Minh'alma é triste, pendida,
Como a palmeira batida
Pela furia do tufão;
E' como a praia que alveja
Como a planta que viceja
Nos muros de uma prisão!

S. Paulo—1861.

A ENCHENTE

Era alta noite. Caudaloso e tredo
Entre barrancos espumava o rio,
Densos negrumes pelo céu rollavam,
Rugia o vento no palmar sombrio.
Triste, abatido pelas aguas torvas
Gyrava o barco na caudal corrente,
Luctava o remador—e ao lado delle
Uma virgem dizia tristemente:

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos hoiam sobre as aguas frias!

E são jovens, bem jovens! na cabana
Dormiam calmos sem pensar na sorte,
A enchente veio, e no agitar infrene
De um somno meigo os conduziô á morte!
A felicidade é um sonho nebuloso,
A vida neste mundo é sempre assim,
Do goso em meio a velladora eterna,
Nos arranca da mesa do festim!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

—Rema, rema barqueiro; olha,—lá em baixo
A' luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo escuro
Que a correntesa estrepitando abraça?
—Oh se o vejo senhora;—eu bem o vejo!
Diz o barqueiro com sinistra voz;
Pedi á Virgem que os perigos véla
Que tenha ao menos compaixão de nós!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Eis d'entre as vagas de caligem densa
Vem macillenta se mostrando a lua,
Como á luz d'ella a natureza é morta,
Como a planicie é devastada e núa!
Perto, tão perto se levanta a margem
Onde fagueirá a salvação sorri
E nós rollamos, e rollamos sempre
E não podemos aportar ali!

Como ao rijo sopro das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Duro, insoffrido o vendavel soergue
Da onda a face em convulsão febril;
— Barqueiro alento! e chegando em terra
Heide cobrir-te de riquezas mil.
Porém na dorso do dragão das aguas
Luctava o barco—mas luctava em vão,
E a pobre moça desvairada em prantos
Pedia á Virgem que lhe dêsse a mão!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

—Ouve barqueiro, que rugido é esse
Profundo e surdo que lá em baixo sôa?
Parece o ronco de um trovão medonho
Que dos abysmos pelo seio echôa!
—Oh! 'stou perdido! . abandonando os remos
Clama o infeliz a delirar de medo,
Oh é a morte que nos chama, horrivel,
No fundo escuro de feral rochedo!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Ia o batel. Ao sorvedouro immenso
Era impossivel se esquivar então,
Dentro sentado—o remador chorava,
E a donzella dizia uma oração.

Já diante delles entre véos de espuma
Treda—a voragem com furor rugia,
E uma collumna de ligeiro fumo
Do centro escuro para o céo subia.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias !

Subito o barco volteou rangendo,
Tremeo em ancias—se estorceo, récuou,—
Deo a virgem um grito—outro o barqueiro
E o lenho na voragem se afundou !
Tudo findou-se. O vendaval sibilla
Correndo infrene na planicie núa,
O rio espuma e nas revoltas ondas
Descem dous corpos ao clarão da lua,

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias !

Setembro—1861.

Prof. G. V. da Silva

À ESTATUA EQUESTRE

Ergue-te ousado sobre o chão da praça
Homem de bronze,—imagem de monarcha,
Simulacro fatal!

Pisa inda as turbos humilhadas, como
As duras patas do corssel que montas,
O chão de pedestal.

Cançadas nunca de oppressores ferros,
Livres de um jugo,—de outro jugo escravas
As massas enervadas,
Do pó resgatam seus tyrannos mortos,
E á luz do sól inundam de louvores,
Por terra debruçadas!

Raça de Iloas, que fizestes pois
Da férvida scentelha que no seio
 Vós poz a Divindade?
Porque relêdes o passado escuro,
Quando devêras derribar os thronos
 Cantando a liberdade?

Vota-se á tréva o busto dos Andradas,
Some-se a gloria de ferventes martyres
 Na lama do hervaçal!
Mas fria a estatua pisa a turba, como
As duras patas do corseil de bronze
 O chão do pedestal!

Oh terra do Brasil;—diamante vivido
Da corôa soberba de Colombo,
 —Bella estrella do sul,—
Porque tão cedo declináes a fronte
E a fimbria do vestido ennegreceis
 No limo do paúl?

Porque tão cedo enregeláes o seio
Nessas frias geadas que predizem
 A morte das nações,
E os pulsos presos, e a vontade escrava,
Do martyr a memoria e a voz dos bardos
 Cobris de maldições?

Erguei-vos desse livido marasmo,
Affrontae o negrume das tormentas
 O horror da tyrannia!
Se agora em bronze eternisaes—senhores,—
Graváe nos bronzes o brazão dos livres,
 Saudáe um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,
Embora á frente com furor me gravem
Stigma infernal!
Não posso calmo vêr pisar-se as turbas,
Como o corsel de levantada estatua
O chão do pedestal!

S. Paulo—Outubro—1861.



INDICE

	Pag.
Mauro o escravo	1
Nota.	25
Predestinação	27
O Proscripto	38
Vingança	42
Napoleão	45
Infância e Velhice	50
Soneto	52
Illuzão	53
Ideal	55
„ Deixa-me!	57
A'	59
O vizir	60
Não te esqueças de mim	61
Soneto	63
O vagalume.	64
Elizia	66
„ Tristeza.	70
„ * * *	73
Echos do carcere	76
O exilado	81
Aurora	85
As selvas	88
A' Lucilia	91
Recitativo	93
Childe-Harold	95
Cantiga	97
O sabiá	99
Harmonia	101
Estancias	106
O mar	109
Oriental.	113
Poema	116
A serenata	119
Nota	120
Fragments	123
Gualter o pescador.	128
„ Nevoas	149
Vida de flor	152
Archetypo	154
O foragido	157
Fragments.	160
A mulher	167
Sobre um tumulto	169
Tristeza	170
A enchente	173
A Estatua equestre	177

ERRATA

- Pag. 3, est. 6, v. 5—em logar de—A quem—leia-se—De quem
» 12, v. 4,—em logar de—astros—leia-se—antros
» 16, est. 3 e 4 formam só uma, é um descuido imperdoavel.
55,—em logar de Ceprina—leia-se—Cyprina
» 85, est. 2, v. 5—em logar de—vida—leia-se—vinda
110, v. 9—em logar de—lambiam-lhe—leia-se—lambiam-lhes

Ha uma infinidade de outros erros deste calibre ; uma completa emenda seria uma nova publicação, o author deixa as faltas de orthographia e mais vicios de composição á benevola correcção do leitor.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).